

HERCÍLIO RAFFAINI FILHO

**FAMÍLIA E TRABALHO: análise das relações familiares
de trabalhadores rurais de Altinópolis-SP**

**FRANCA
2001**

HERCÍLIO RAFFAINI FILHO

**FAMÍLIA E TRABALHO: análise das relações familiares
de trabalhadores rurais de Altinópolis-SP**

Dissertação apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Franca, para obtenção do título de Mestre em Serviço Social.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Zita Figueiredo Gera

**FRANCA
2001**

Raffaini Filho, Hercílio

Família e trabalho : análise das relações familiares de trabalhadores rurais de Altinópolis-SP / Hercílio Raffaini Filho. –Franca: 2000
98 p.

Dissertação – Mestrado – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP – Franca.

1.Serviço Social – Trabalhadores rurais. 2.Serviço Social – Família. 3.Bóia-fria. I. Título.

CDD – 362.82

(20.02.01)

HERCÍLIO RAFFAINI FILHO

**FAMÍLIA E TRABALHO: análise das relações familiares
de trabalhadores rurais de Altinópolis-SP**

COMISSÃO EXAMINADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e orientadora: Profa. Dra. Maria Zita Figueiredo Gera

2º examinador: _____

3º examinador: _____

Franca (SP), de _____ de 2001.

Agradeço a Deus pela oportunidade de ter compartilhado com as famílias que participaram deste trabalho, seus momentos de intimidade. Ao exporem suas vivências cotidianas, no limite da preservação de suas estruturas internas, possibilitaram a realização desta pesquisa.

Agradeço a Dra. Maria Zita pela sua cumplicidade na realização deste trabalho e sobretudo, pela sua experiência profissional, principalmente no âmbito das relações humanas.

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
INTRODUÇÃO.....	10
1 DO COLONO AO BÓIA-FRIA: O TRABALHO NA ZONA RURAL:.....	17
2 A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO SUJEITO.....	26
2.1 A psicologia do corpo de Reich.....	26
2.2 As contribuições da psicologia do comportamento.....	33
3 A FAMÍLIA.....	42
4 O CAMINHO METODOLÓGICO PARA CHEGAR À REALIDADE.....	53
4.1 A metodologia	53
4.2 O lócus da pesquisa.....	57
5 A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	60
5.1 A análise.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
BIBLIOGRAFIA.....	91
ANEXOS.....	97

RAFFAINI FILHO, Hercílio. *Família e trabalho: análise das relações familiares de trabalhadores rurais de Altinópolis-SP*. Franca, 2001. 98 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Campus de Franca, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

RESUMO

Nosso interesse pela família não é recente. Data de trabalho que realizamos com adolescentes de rua, como voluntário, há mais de duas décadas, e mais recentemente nosso interesse em estudar este tema, decorre de mudanças significativas no comportamento de adolescentes e jovens de Altinópolis-SP, comunidade onde vivemos, a partir da ocorrência de fatos inéditos na cidade, como a infiltração vagarosa do uso de drogas no seio da família altinopolense, bem como pequenos furtos realizados por adolescentes e a formação de *gangues* de jovens que perambulam pela cidade. Sendo esta cidade estritamente agrícola e as ocorrências acima se concentrarem entre jovens pertencentes a famílias de trabalhadores rurais, esta pesquisa busca conhecer como se dão as interações afetivas desses trabalhadores no trabalho e na família e que conseqüências têm no comportamento de seus membros. Para tanto, nos apoiamos nos teóricos humanistas, estabelecendo uma nova perspectiva para ver este fenômeno subjetivo à observação empírica, coletando dados através de entrevistas não diretivas realizadas com os pais. Concluimos que as famílias, na sua maioria, estruturadas de forma não convencional, nem sempre conseguem contribuir para o desenvolvimento afetivo/emocional de seus filhos. A desestrutura da personalidade dos adultos que encabeçam algumas famílias, o uso de álcool por estes e a violência em casa, são fontes de marginalização dos adolescentes. A pesquisa mostrou ainda que famílias melhor estruturadas, demonstram sua afetividade através de recompensas materiais, se preocupam com a integração dos jovens no trabalho porém não têm um projeto que facilite o desenvolvimento afetivo/emocional de seus jovens. Postulamos que urge um plano político social que qualifique os pais na difícil tarefa de educar seus filhos.

Palavras-chave: trabalhador rural; bóia-fria; trabalho; família; relações familiares.

RAFFAINI FILHO, Hercílio. *Family and work: analysis of family relationships of the rural workers' of Altinópolis-SP*. Franca, 2001. 98 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Campus de Franca, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ABSTRACT

Our interest for the family is not recent. It dates of work that we accomplished with street adolescents, as volunteer, there is more than two decades, and more recently, our interest in studying this theme, elapse of significant changes in the adolescents' behavior and young of the community of Altinópolis-SP, where we lived, starting from the occurrence of unpublished facts in the city, as the slow infiltration of the use of drugs in the breast of the family of Altinópolis, as well as small thefts accomplished by adolescents and the formation of youths' gangs that wander for the city. Being strictly this city agricultural and the occurrences above concentrate itself among young belonging to rural workers' families, this research search to know as the those workers' affective interactions are given in the work and in the family and that consequences have in the behavior of its members. For so much, we leaned on in the theoretical humanists, establishing a new perspective to see this subjective phenomenon to the empiric observation, collecting data through non directive interviews accomplished with the parents. We ended that the families, in its structured of non conventional form majority, not always they get to contribute for the development affective/emotional of its children. The loss of structure of the adults' personality that they head some families, the use of alcohol for these and the violence at home, they are sources for the adolescents to turn themselves marginal. The research showed although families better structured, they demonstrate its affectivity through material rewards, they worry about the youths' integration in the work however they don't have a project that facilitates the development affective/emotional of its youths. We postulated that urges a social political plan that describes the parents in the difficult task as educating its children.

Keywords: rural worker; drudge; work; family; family relationships.

"... o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa".

Leonardo Boff

INTRODUÇÃO

Nosso interesse pela família não é recente. Em 1978, psicólogo, recém formado, fomos convidados a participar de um projeto de atendimento a crianças e adolescentes, na cidade de Osasco, Estado de São Paulo, cidade próxima à capital. Naquele momento, diante de jovens que viviam nas ruas, sentados em um banco de praça com o objetivo de motivar estes adolescentes a frequentar uma casa que acolhia crianças e adolescentes de rua durante o dia, oferecendo alimentação e atividades como trabalhos manuais, atividades artísticas (pintura, dança, etc.), grupos de discussão com temas de cidadania, grupos de vivências em psicodrama, todos desenvolvidos por voluntários como nós, veio-nos uma revelação feita por estes jovens, revelação esta que determinou a direção de nossas buscas e que culminou com o anteprojeto desta pesquisa visando ingressar no mestrado. A revelação era simples. Não eram meninos e meninas abandonados como os identificava a literatura psicossocial da época, eram eles que abandonavam suas casas e famílias. A maioria poderia voltar quando

quisesse, mas não queria. Preferia a insegurança das ruas, aos maus tratos e à violência sexual que muitos sofriam e que ainda hoje são comuns em muitos núcleos familiares. Na sua maioria, aqueles adolescentes vinham de famílias de trabalhadores da região e nós nos perguntávamos o que acontecia com os pais que tinham profissão, família, emprego e, no entanto, não eram capazes de cumprir a tarefa de facilitadores do processo de desenvolvimento de seres que compartilhavam do mesmo ninho.

Mais recentemente, morando em Altinópolis, cidade da região de Ribeirão Preto, temos visto as famílias que em 1996 ocuparam as casas do conjunto habitacional CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano), situado vizinho à nossa casa. Observamos como homens e mulheres organizam o seu cotidiano, como cuidam de seus filhos, e como os adolescentes e crianças preenchem suas horas livres ou andam a esmo pelas ruas.

Não raro presenciamos manifestações de violência nas famílias que vivem na nossa vizinhança. Parece-nos ser o transbordar de um sentimento muito antigo e inesgotável, posto que se repete compulsivamente dia após dia. Estas manifestações chegaram ao nosso conhecimento pela proximidade física de nossos domicílios e por comentários tão comuns em uma comunidade pequena como a nossa. Comentários que, juntamente com as experiências vividas em nosso caminhar profissional, nos mostraram a possibilidade de conhecer melhor o contexto afetivo que envolve as relações familiares desses

trabalhadores braçais que se ausentam do núcleo familiar, tanto o homem como a mulher, o dia todo, em muitos casos em média doze horas de seus dias.

Daí nosso interesse em desenvolver um estudo com esta população representada, em sua maioria, de migrantes vindos de cidades vizinhas e outros estados da União. Com o advento da cana no município, a cidade se tornou um pólo de atração para trabalhadores de outras localidades, que se encontrando em situação de desemprego procuram Altinópolis, carregando consigo suas histórias de vida, seus costumes, suas culturas e sobretudo suas dificuldades de integrar-se na comunidade.

Ao pesquisar o tema das relações afetivas desta população que se convencionou denominar bóia-fria¹, acreditamos estar devidamente atualizando-nos na compreensão do processo de desenvolvimento do trabalhador brasileiro em sua saga em busca de um espaço psicossocial que o contenha e o oriente na sua individualização enquanto ser social na busca de harmonia e bem estar com os seus próximos. Na verdade, o que temos observado, é um crescente número de delitos praticados por jovens adolescentes e a organização ainda rudimentar de *gangues*, criando uma situação até então sem precedente. Ainda que se configure numa tentativa de subverter a ordem social rigidamente estruturada, demonstra também uma falha na formação do caráter, formação esta que tem seu início nos primeiros anos de vida, no seio da família., daí o porque do nosso

¹ Bóia-fria é aquele trabalhador que leva sua marmita para o trabalho rural, fazendo sua refeição ao lado do folhão, no próprio canavial ou junto aos pés de café. A comida é ingerida fria; daí essa forma de nomeá-lo.

trabalho.

Tendo em vista nossa preocupação com o *homem* integrado em suas dimensões psíquicas e físicas, (componentes teoricamente separados desde Descartes²) buscamos fundamentos na teoria psicanalítica, pois acreditamos que a psicanálise tenha contribuído para a abertura da busca e compreensão da estrutura psíquica do ser humano.

Fomos encontrar na obra de Reich (1975, 1998), uma análise que integra o psíquico e o físico na chamada teoria do corpo, particularmente em sua teoria da formação do caráter que segundo ele “*é composto das atitudes habituais de uma pessoa e de seu padrão consistente de respostas para as várias situações*” (Fadiman & Frager, 1986, p. 92). Este teórico, discípulo de Sigmund Freud, direcionou seu trabalho apoiado nos dados que diz ser, na primeira infância, as experiências familiares cruciais ao desenvolvimento da personalidade. Reich vai além e procura compreender como o meio social se instala no modo de pensar (pensamentos cristalizados, sentimentos congelados) e de agir (as tensões musculares, resultantes físicas do processo de neurotização) do indivíduo que ele denomina couraça caracterológica, programando-o a direcionar sua força de trabalho (energia vital) à manutenção da estrutura capitalista “selvagem” resultante. Buscamos compreender o papel do núcleo

² Descartes criou a teoria do dualismo psicofísico – a distinção entre mente e corpo, a fim de esclarecer a confusão do pensamento que existia em sua época a respeito do funcionamento e da natureza do corpo humano, da mente e da alma. Sua teoria exerceu profunda influência sobre o pensamento dos séculos seguintes influenciando a divisão da investigação em duas áreas: uma para o mundo material da realidade física (daí o

familiar dentro deste contexto.

Reich (1998, p. 461) cria a expressão *peste emocional* em seu livro *Análise do Caráter* onde a define como uma “*biopatia crônica do organismo*”. Este autor pontua que uma pessoa acometida desta “*peste*” tentará de todas as maneiras a seu alcance, modificar seu ambiente, para que sua maneira de viver e de ver as coisas, não seja colocada em perigo. “*Uma característica básica e essencial da reação da peste emocional é que a ação e o motivo da ação nunca coincidem*” (Reich, 1998, p. 463).

Buscamos também as contribuições do behaviorismo, apoiando-nos em Skinner (1971, 1972), cujas últimas publicações muito contribuíram para a compreensão de suas idéias sobre o comportamento social. Para ele é preciso buscar as variáveis que estão ao alcance de uma análise científica, variáveis que estão fora do organismo, em seu ambiente imediato e em sua história ambiental.

Sem querer entrar na profundidade que a questão sugere, mas com o intuito de localizar melhor as relações afetivas do trabalhador, vale lembrar que foi a partir da I Guerra Mundial que aparece a promoção de uma higiene social, relevando o trabalho como um campo de estudo para disciplinas como a sociologia empírica, a sociologia das organizações, as ciências de gestão, a psicotécnica, a psicofisiologia do trabalho, a medicina do trabalho, a ergonomia, etc. A II Guerra trouxe novas reflexões adaptadas ao novo sistema

impulso da medicina da época) e outra para o mundo mental da realidade psicológica. Só no século XX a Psicologia conheceu a importância da pesquisa onde mente e corpo são relacionados.

produtivo. Autores se apoiaram na teoria marxista buscando compreender os impactos do trabalho no psiquismo humano.

Após os movimentos de maio de 68 fica nítido o retorno da psicanálise para as ciências sociais. Autores como Christophe Dejours ao criticar o “trabalho taylorizado”, diz: *“O homem no trabalho artesão desapareceu para dar a luz a um aborto: um corpo instrumentalizado - operário de massa, despossuído de seu equipamento intelectual e de seu aparelho mental”* (Dejours, 1992, p. 39). Ele fala do anonimato e da individualização do homem frente ao sofrimento. Faz uma análise dos mecanismos de defesa individuais e coletivos.

Como nosso interesse maior envolve a vivência emocional mais que uma emergente e complexa construção cognitiva, reafirmamos nossa opção pela teoria desenvolvida pelo psicanalista Dr. Wilhelm Reich. Compreender como os trabalhadores de usina pensam o seu trabalho e como vivenciam o seu cotidiano no contexto familiar é nossa preocupação central traduzida nos questionamentos que apresentamos a seguir.

Como estão estruturadas as famílias dos trabalhadores rurais em Altinópolis?

No dia-a-dia como se relacionam no núcleo familiar com seus cônjuges, filhos e enteados?

Como percebem e que sentido tem para eles o trabalho que executam?

Nesta pesquisa buscamos alcançar o objetivo de conhecer a trama das relações afetivas vivenciada por famílias de trabalhadores rurais. São objetivos específicos: levantar variáveis que determinem interações afetivas nas famílias destes bóias-frias; identificar o componente emocional como variável nestas interações e correlacioná-las nestes contextos, buscando conhecer melhor o que há na troca social/familiar destes trabalhadores.

Na verdade, nossa preocupação última é o entendimento da gênese da afetividade da criança que interage e se desenvolve neste núcleo familiar e escreverá a história social do futuro de uma comunidade tipicamente brasileira.

Para tanto a pesquisa de campo que integra este trabalho foi realizada com casais de trabalhadores rurais de Altinópolis, sob a ótica da metodologia qualitativa. Efetuamos uma pesquisa exploratória sendo os dados coletados, através de entrevistas não diretivas, durante o segundo semestre de 2000.

A estrutura da dissertação é constituída de cinco capítulos. O primeiro capítulo busca conhecer o trabalho na zona rural retratando a situação do trabalhador rural em Altinópolis onde a pesquisa de campo foi realizada. O segundo capítulo trata do desenvolvimento do sujeito, sendo que usamos como subsídios à psicologia do corpo de Reich e contribuições da psicologia comportamental. O terceiro capítulo aborda a família, núcleo essencial da (des)estruturação psicossocial das crianças. O quarto capítulo trata da pesquisa de campo enfocando a metodologia e situando o lócus da pesquisa. O quinto

capítulo apresenta os dados, bem como sua análise e interpretação.

CAPÍTULO I

DO COLONO AO BÓIA-FRIA: O TRABALHO NA ZONA RURAL

Historicamente, a divisão social do trabalho, após a abolição do regime de trabalho escravo, baseou-se na adoção do regime de colonato. O colono vivia na terra onde trabalhava e tinha licença para plantar milho, feijão e etc. (as culturas alimentares); é óbvio, sob condições contratuais que o obrigavam zelar da lavoura de café do fazendeiro com um salário fixo.

Para aumentar o salário, toda a família se engajava na lida das fazendas de café. Eram sobretudo imigrantes italianos que vieram suprir a escassez da mão de obra escrava por causa da extinção do tráfico negreiro, que com seus filhos adolescentes ou mesmo crianças, suas esposas e idosos criavam um vínculo empregatício novo com o fazendeiro mas que da mesma forma que o escravo, se sentiam dependentes do patrão pelas artimanhas já estratificadas pela

antiga relação social com seus serviçais. Os imigrantes faziam suas despesas de armazém na própria fazenda, despesas que muitas vezes se não empatavam com o seu salário, resultavam em dívida com o patrão, estreitando a dependência com este. Dívida esta que segundo Ianni (1976,p.15), era paga com trabalho:

“Os colonos queixavam-se de que os seus filhos ficavam sem escola,apartados da sociedade, analfabetos, quando os pais às vezes já possuíam alguns rudimentos de leitura. Também reclamavam contra as multas que os fazendeiros e os seus administradores lhes impunham, além de protestar contra os preços abusivos cobrados pelos armazéns das fazendas.”

Tensões, lutas e negociações envolvendo fazendeiros, colonos e governos fazem surgir o sindicalismo³ rural no final do século XIX e início do século XX, principalmente pela consciência política do europeu que já vinha miserável, de uma relação patrão/empregado, servil a uma revolução industrial que definiria para sempre as dificuldades de ascensão social em uma sociedade de classes definidas há centenas de anos. Os imigrantes europeus trouxeram idéias novas como o socialismo e principalmente o anarquismo⁴.

³ Encontramos no trabalho de pesquisa do Prof. Dr. Ubaldo Silveira (1998), uma análise da atuação política dos cortadores de cana da região de Guariba, Estado de São Paulo por volta do final da década de 70. Apoiados pelo movimento sindical da época, unidos, conseguiram efetivar suas reivindicações trabalhistas, fato que vem confirmar a teoria social de Ostrowetsky (1995) que uma das vias de identidade se dá pela consciência de classe, advinda da identidade do trabalho.

⁴ O anarquismo tão pouco conhecido até os dias de hoje, a ponto de ser confundido com confusão, desmoralização mas sendo na verdade a negação do princípio de autoridade, estrutura social em que não há dominação, que se constitui sem governo, pela harmonia interna e pelo respeito ao próximo e à ordem social. Não querendo fugir do nosso tema, gostaria de lembrar que nos últimos anos da monarquia, entendimentos havidos entre Dr. Giovanni Rossi e o Sr. D. Pedro II foi fundada nas vizinhanças de Palmeira e Santa Bárbara ,

Na colônia rural do início do século XX, na região de Ribeirão Preto, situada à nordeste do Estado de São Paulo, Ianni (1976, p.31) comenta que

“toda grande fazenda de café tendia a ser um mundo social, isto é, político-econômico, à parte do mundo social centrado no núcleo urbano ...o poder político-econômico da burguesia cafeeira era exercido de forma quase monolítica”.

Aqui, vale lembrar que Sposati (1988) releva a falta de uma investigação mais homogênea, retomando a ótica da assistência social que já naquela época, operava de forma conscientemente histórica na situação e no combate à pobreza, dando uma contemporaneidade à institucionalização da assistência social pública. Porém, o desenrolar da economia sempre determinando o avanço da sociedade estratificada, confirma a situação de pobreza dos trabalhadores, fato que se coloca ainda no debate atual.

O excesso de produção do café, as secas prolongadas e geadas desastrosas faziam abrir espaço para uma diversificação das atividades agrárias por volta de 1920, entre elas a cana-de-açúcar.

A cana-de-açúcar já era cultivada na região desde o final do século XIX para consumo regional. Juntamente com o algodão, a cana-de-açúcar passa

na então Província do Paraná (Schmidt 1976), uma curiosa experiência social ácrata em terras doadas pelo imperador, consciente dos propósitos do cientista social Dr. Giovanni Rossi, como tantas outras surgidas no continente americano. Logicamente a sociedade não estava, como não está agora, pronta para tal

em 1944 mais que o café, a ocupar um lugar de destaque no conjunto da economia e da sociedade, no campo e na cidade. E em Altinópolis? Quando a cana-de-açúcar passa a ter esta importância? No início do século, em Altinópolis, o café ainda pode ser considerado como monocultura. Nas fazendas, a organização social ainda está calcada na relação patrão/colono que já não se resume em imigrantes na medida em que estes conseguiram, às custas das dificuldades pelas quais passaram os fazendeiros, comprar ou receber como pagamento pequenas propriedades. Alguns se tornaram mesmo latifundiários e reproduziam o velho sistema patrão/colono.

O fato é que o colono que vivia na fazenda tinha uma estabilidade garantida de trabalho e sua sobrevivência se resumia em manter este vínculo, ainda que mal remunerado, que o fixava a terra. O êxodo rural era insignificante. Se ele não mudava era porque havia um forte sentimento de segurança nesta relação. Segurança esta que refletia no seu estilo de vida conservador, tendo a família como núcleo básico do desenvolvimento moral e religioso dos filhos. Não podemos incluir a educação escolar porque as escolas rurais sempre foram precárias e raríssimos os estudantes que conseguiam prosseguir sua formação profissional.

A cana-de-açúcar chegou em Altinópolis como uma cultura forte em 1980. Fazendeiros arrancaram milhares de pés de café quando a produção não

tinha preço que compensasse seu cultivo, arrendando as terras para as usinas de cana-de-açúcar. Nenhuma usina se instalou no município. A cana é plantada, cultivada e cortada muito distante da usina.

Os trabalhadores da terra, os bóias-frias, mantêm vínculo com o capataz e o fiscal que são os representantes mais próximos da empresa como um todo. Também conhecido como pau-de-arara, volante, trabalhador temporário, diarista, o bóia-fria está diretamente vinculado às exigências da manutenção da dialética trabalho/capital, que o limita a um caráter sazonal das atividades produtivas, isto é, só é contratado nos períodos da safra. Sua remuneração, nestes períodos, costuma ser superior à dos operários permanentes da agroindústria. Alguns, no início, são vinculados ao “gato” (empreiteiro de mão de obra). Porém, as usinas não têm um contrato formal com o bóia-fria. Mais recentemente as empresas têm investido na mecanização da lavoura de cana, criando um dilema a este contingente de trabalhadores que naturalmente luta para estruturar sua existência como cidadão, em vários casos, em uniões nem sempre oficializadas pela lei dos homens e de Deus.

As relações entre a indústria produtora de bens de capital para a agricultura, as atividades agrícolas e as agroindústrias que comandam a produção no meio rural formam uma complexa trama social chamada “caificação” ou Complexo Agro-Industrial (CAI). Sob a ótica sistêmica focalizada apenas no capital, não há transtornos para este setor

“mas surge uma problemática social sem precedentes na região [de Ribeirão Preto], em termos de marginalidade social, de prostituição, de desnutrição, de desemprego, aumentando assim o número dos ‘sem terra’ e todas suas conseqüências. Só em Guariba⁵, cidade de 30 mil habitantes, chegam, a cada ano, 10 mil novos moradores na época do corte da cana. Com o fim da safra de 1996, migrantes de diversas partes do país voltaram para suas cidades de origem, deixando para trás mais de cem mulheres grávidas e seus filhos ‘órfãos’ na cidade” (Silveira, 1998, p. 66).

Altinópolis tem recebido um contingente de migrantes de cidades próximas, e de outros estados, principalmente de Minas Gerais e Bahia, composta por trabalhadores rurais. Nos últimos anos, têm sido acolhidos e beneficiados pelo sorteio de casas populares, casas estas construídas devido a planos políticos do governo do estado para provavelmente garantir a demanda de mão-de-obra mais elevada que a demanda de trabalho, assegurando um congelamento no salário e um aumento populacional na cidade, resultando em maior consumo e maior arrecadação das taxas municipais. Não temos dados que confirmem esta hipótese, não é nosso interesse imediato buscá-los. O fato é que a cidade que sempre teve seu contingente populacional equilibrado, enfrenta atualmente situações lamentáveis de furto praticados por grupos de moradores do município. Não há favelas, a prefeitura apoiada pelo estado, constrói

conjuntos habitacionais, cuida muito bem da saúde e as escolas suprem a demanda dos jovens do município. Há um serviço municipal de transporte dos estudantes da zona rural, que vêm freqüentar as escolas da cidade.

Apesar de todos estes cuidados, a cidade já não é a mesma. Perdeu-se a tranqüilidade. Há uma insegurança no ar, por parte de todos. Há famílias que foram sorteadas com casas do CDHU e devido aos períodos de entressafra, não têm como pagar as prestações de suas moradias e estão correndo o risco de perde-las.

Como os bóias-frias se sentem frente a este dilema, que perspectivas têm no processo histórico de formação de sua identidade pessoal e coletiva tem sido objeto pouco estudado. Acreditamos que o bóia-fria vive a consciência política social visceralmente. O conhecimento visceral é o nível mais profundo de se entrar em contato com uma realidade.

Moffatt (1991) diferencia o marginalizado, categoria que inclui o empregado temporário do seu “vizinho de classe”, que denomina “burguesia operária” tendo esta, aderido aos valores da pequena burguesia com uma organização familiar tradicional,

“desenvolvendo uma atitude preconceituosa com relação à classe de baixo, do peão, do operário pobre, que apresenta um padrão de vida completamente distinto, de instabilidade, de desestruturação familiar, com nomadismo laboral,

⁵ Guariba, cidade de 30 mil habitantes da região de Ribeirão Preto.

geográfico e marital, já que é o grupo social mais desapiedadamente explorado pelo sistema econômico.” (Moffatt, 1991 p.72).

Segundo o mesmo autor, como todo grupo marginalizado, a classe operária baixa possui duas redes de informação: uma para o patrão e outra interna, utilizada entre seus membros. Quem não pertence a este grupo não tem acesso à informação que circula pela rede interna, justamente relacionada com os problemas mais íntimos, maneira de preservação de informações que em mãos alheias, poderá ser usada contra eles, os mais abandonados.

Moffatt (1991) observa uma situação que ocorre sempre; quando membros da classe operária baixa falam com alguém “bem vestido”, fazem-no com uma atitude corporal submissa, como diante de uma autoridade, numa atitude de silêncio coibido. O curioso é que quando se encontram dentro de seu próprio grupo ocorre o contrário: o corpo se move com expressividade e as respostas são rápidas e precisas. Ao ler Moffatt (1991) nos perguntamos como deveríamos organizar o momento de entrar em contato com a população alvo de nossa pesquisa.

O avanço tecnológico das sociedades, chega a soluções em termos humanos e afetivos, que muitas vezes são verdadeiros desintegradores funcionais de sistemas de regulação intraorgânica os quais asseguram o funcionamento do organismo como unidade autorregulada. O sistema de vida tecnológico chega a tal extremo de negação daquilo que não seja uma “peça da

máquina”, que as novas gerações, numa fórmula desesperada de saída, buscam através das drogas, os valores humanos negados pelo sistema.

Segundo as concepções modernas de homem (Moffatt, 1991; Reich, 1975), este está *são* não quando está livre de angústia ou adaptado socialmente, mas sim quando sabe quem é, que sentido tem sua vida, esse processo único que é sua história. E para resgatar esta história é necessário um trabalho de “arqueólogo” que vai retirando as sobrepostas camadas de cultura adquiridas no seu caminhar pela vida.

No capítulo a seguir abordamos a questão do desenvolvimento da subjetividade do sujeito segundo a visão de Reich. Também enfocamos a importância dos comportamentos aprendidos através de reforços, buscando subsídios para uma melhor compreensão dos comportamentos sociais no núcleo familiar.

CAPÍTULO II

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO SUJEITO

2.1 A psicologia do corpo de Reich

Acreditamos que se faça necessário aqui apresentar um breve relato da trajetória de vida de Reich, concomitantemente às suas idéias, para que possamos compreender sua posição sociológica inserida na teoria psicanalítica, teoria originariamente desenvolvida por Sigmund Freud.

A psicanálise trata do homem enquanto indivíduo dotado de uma psique estruturada a partir de componentes hereditários e ambientais. Ela se detém na análise do indivíduo enquanto processo do desenvolvimento desse

psiquismo e, sobretudo, busca entender como funciona e como se estrutura esse componente não empiricamente observável mas exaustivamente detectado na análise deste processo de maturação existencial e neurofisiológica do homem em sua passagem pela vida. Vida essa, que se mostra tão peculiar a cada pessoa, mas que traz em si uma constante funcional e estrutural que se repete em cada indivíduo da raça humana. Acreditamos que não se faça necessário detalhar aqui a estrutura e o funcionamento do psiquismo humano segundo a teoria freudiana, tendo em vista sua vasta difusão nos meios acadêmicos.

Partiremos diretamente, introduzindo Wilhelm Reich, que foi um discípulo dissidente de Freud, primariamente no que concerne ao “instinto de morte” largamente defendido pelo mestre e que Reich considera como inexistente classificando-o como um distúrbio patológico da relação do indivíduo e o meio em seu processo histórico e social.

Wilhelm Reich, de origem judaica, nasceu em 1897 e morreu em 1957. Teve uma infância conturbada por fatos familiares, ao mesmo tempo em que vivenciava uma não compreendida distância (imposta pelo pai) dos filhos dos trabalhadores da grande propriedade rural onde cresceu. Aos 17 anos, alistou-se no exército. Passou quatro anos na guerra, chegando a assumir posição de comando. Em 1918, com 21 anos iniciou seus estudos médicos na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena. Em 1919 juntamente com outros estudantes organiza encontros sobre o tema sexualidade, quando busca autores

que tinham alguma produção nesta área, entre eles Freud. Em *A Função do Orgasmo* (Reich, 1975 p.39) descreve em detalhes seu encontro com o mestre:

“Freud era diferente. Enquanto os outros desempenhavam um papel qualquer...Freud não se dava ares de importante. Perguntou a respeito do nosso trabalho... e achou muito sensato. ... A partir desse dia, gastei catorze anos de trabalho intensivo na e para a psicanálise”.

A experiência profissional que mais o influenciou nos rumos de seu trabalho se deu na Clínica Psicanalítica de Viena onde trabalhou de 1922, por ocasião de sua fundação por Freud, até 1930. Tratava-se de uma clínica psicanalítica pública, onde pessoas impossibilitadas de pagar um atendimento pudessem ser atendidas. Em oito anos de experiência, conclui em suas próprias palavras:

“Segundo os padrões do tempo, acreditava-se que o tratamento requeria uma sessão diária, durante pelo menos seis meses. Uma coisa se tornou logo clara: a psicanálise não é uma terapia para aplicação em massa. A idéia de prevenir neuroses não existia e ninguém saberia o que dizer a respeito” (Reich, 1975 p.72).

Nesse momento, percebe que antes da intervenção clínica, muitas vezes, era necessária uma ajuda social. Era uma preocupação com o trabalhador,

preocupação que teve origem na infância ao observar as famílias dos trabalhadores da fazenda de seus pais.

Sobre sua experiência com a população de baixo nível econômico e cultural, na clínica psicanalítica, Reich afirma:

“As neuroses da população operária carecem, muito simplesmente, do refinamento cultural. São cruas e ásperas revoltas contra o massacre psíquico a que todo mundo é submetido... Entre as grandes massas da população que trabalha, a neurose se manifesta em toda a sua deformidade trágica” (Reich, 1975 p.75).

Em 1933, Reich publica o livro *Análise do Caráter* onde define caráter como a existência de uma estrutura resultante de um processo de construção histórica. *“O caráter é composto das atitudes habituais de uma pessoa e de seu padrão consistente de respostas para várias situações”* (Fadiman & Frager, 1986, p. 92). Isto é, variam as situações e a resposta é a mesma. *“O grau de flexibilidade do caráter, a habilidade de se abrir ao mundo exterior ou de fechar-se a ele, dependendo da situação, constitui a diferença entre uma estrutura orientada para a realidade e uma estrutura de caráter neurótico”* (Reich, 1998, p. 151-152).

A ansiedade gerada pelo medo da punição frente aos desejos sexuais infantis cria uma defesa que se torna cronicamente ativa e automática, evoluindo

para um endurecimento do ego, o que ele denominou de couraça do caráter.

Reich estabelecia a relação existente entre a predileção germânica pelo autoritarismo e a formação do caráter das crianças na família alemã de classe média baixa.

A energia libidinal que não é descarregada por força da repressão externa introjetada, característica básica da sociedade patriarcal (poder x prazer) fica retida no organismo estruturando a couraça do caráter.

“O estabelecimento de um traço de caráter ... indica a solução de um problema de repressão: ou ele torna o processo de repressão desnecessário ou transforma a repressão, uma vez estabelecida, numa formação relativamente rígida e aceita pelo ego” (Reich, 1975.p 76).

Já vivendo em Berlim, participou de programas do movimento de higiene mental orientados pelos comunistas, partido ao qual se filiou em 1928 e foi expulso em 1933. Em 1934 foi expulso da Associação Internacional de Psicanálise.

Suas idéias são sempre direcionadas a uma atitude política, fundamentadas no que ele chama de economia sexual, que indica a relação entre o acúmulo e a descarga de energia. Menos descarga, maior a probabilidade de um alto índice de neurose. *“Reich afirmava que a psicanálise é uma ciência evolucionária, uma vez que completa a crítica marxista da economia burguesa*

com uma crítica de sua moralidade, baseada na repressão sexual” (Fadiman & Frager, 1986, p. 91).

A teoria de Reich e seus seguidores está interessada em compreender onde a libido foi investida inadequadamente. Uma vez liberada ou redirecionada, esta mesma energia estará então disponível para satisfazer outras necessidades habituais. Reich (in Fadiman & Frager, 1986) foi o primeiro analista a tratar pacientes pela interpretação da natureza e função de seu caráter, ao invés de analisar seus sintomas. Para ele, o caráter serve como uma proteção do ego na medida em que este está ocupado em mediar a solicitação do princípio do prazer do id e as repressões morais do superego. Por causa do choque entre o id e o mundo externo (que limita ou frustra totalmente a satisfação da libido), e instigado pela verdadeira angústia produzida por esse conflito, o aparelho psíquico ergue uma barreira protetora entre si próprio e o mundo externo. A transgressão às normas ocasionaria um verdadeiro perigo, originando um segundo tipo de angústia, pelo medo da punição, levando a um círculo vicioso: a angústia do desejo não satisfeito que continua pulsionando inconscientemente na maioria dos casos e a angústia do medo de punição, ainda que também inconsciente. Se em seu processo de desenvolvimento psicológico o indivíduo atingiu completamente a fase genital, com o complexo de Édipo resolvido, Reich o classifica como tendo um caráter genital e tendo a agressão em larga medida, sublimada em realizações sociais (Reich, 1998). Caso contrário, pela

fixação da libido em alguma fase anterior, ele diferencia qualitativamente os tipos de caráter em: depressivos (orais), masoquistas, genital-narcisistas (fálicos), histéricos (genital-incestuosos) e caracteres compulsivos (fixação anal-sádica), também denominados de caracteres neuróticos que prejudicam a capacidade social e sexual. Ele diferencia sintomas neuróticos como medos e fobias irracionais de traços de caráter neuróticos que são experimentados como partes integrantes da personalidade.

“Em termos de suas diferenças qualitativas, os caracteres neuróticos e genitais devem ser entendidos como tipos básicos. Os caracteres reais representam uma mistura, e se a economia da libido é ou não permitida depende apenas de em que medida o caráter se aproxima de um ou de outro tipo básico. Em termos da quantidade da satisfação direta da libido possível, os caracteres genitais e neuróticos são considerados como tipos médios: ou a satisfação da libido chega a um ponto em que é capaz de dispor da libido contida ou isso não acontece. No último caso, desenvolvem-se sintomas ou traços de caráter neurótico que prejudicam a capacidade social e sexual.” (Reich, 1998, p 172).

Por tudo que temos observado e apreendido em nossas leituras direcionadas à teoria psicanalítica, podemos dizer que todo indivíduo nasce apto a desenvolver seu potencial psicobiológico na busca do encontro com seu *self*, isto é, no encontro com *si mesmo*. O ambiente físico e social, representado, na sociedade em que vivemos, geralmente pela família nuclear que deve educar

suas crianças para que elas tenham uma moral e valores compatíveis com a cultura, precisa ser funcional às necessidades sociais e alerta ao processo característico a cada ser que se humaniza. Se há harmonia e consciência de seu papel social na formação de indivíduos cidadãos, a família é capaz de facilitar a evolução afetiva em cada uma das fases do desenvolvimento, segundo a psicanálise, evitando situações traumáticas que determinariam traços de carácter, impedindo a realização plena do indivíduo. Lacan (1974) psicanalista que pontua seu trabalho na interpretação da construção lingüística do seu cliente, afirma que a família preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico da criança, considerando os três pontos levantados por ele – a educação primária, a repressão dos instintos e a aquisição da linguagem materna.

2.2 As contribuições da teoria do comportamento

O ser humano na primeira infância está inteiramente receptivo aos estímulos do ambiente; caso estes sejam aversivos e traumatizantes vão gerar o que Reich chama de neurose, porém sendo gratificantes produzirão um repertório comportamental mais adequado à harmonia e ao equilíbrio social

“Estamos mal começando a entender o poder do amor, porque mal

começamos a entender a debilidade da força e da agressão.” (Skinner, 1972)

O behaviorismo representa uma corrente relevante para o entendimento do processo social na adequação do indivíduo à sociedade sob uma ótica experimental. Sim, nossa ótica de pesquisa é fenomenológica/existencial, porém não podemos deixar de lançar mão dos estudos realizados pelo professor Skinner em diferentes universidades americanas, onde sob a influência de John B. Watson, Ivan Pavlov e outros, desenvolveu uma análise científica do comportamento. Os resultados de seus experimentos podem ser verificados independentemente e suas conclusões podem ser confrontadas com os dados registrados. Embora Freud e os teóricos psicodinâmicos estivessem igualmente interessados na base ontológica da ação, Skinner adotou uma posição mais extrema, afirmando que apenas o comportamento pode ser estudado. Ele pode ser mensurável, observável e perceptível através de instrumentos de medida. Para Skinner, personalidade é definida como uma coleção de padrões de comportamento baseada apenas em experiências prévias e história genética do indivíduo em situação social. Dentro deste enfoque, queremos ressaltar a função das relações familiares no condicionamento de comportamentos individuais. Para isso propomos um olhar mais focalizado na teoria do reforço deste teórico da psicologia experimental. Esta teoria diferencia o comportamento respondente do comportamento operante. Comportamento respondente é o comportamento reflexo. O organismo

responde automaticamente a um estímulo como a salivação frente à apresentação de um alimento, a contração ou dilatação da pupila frente à estimulação de diferentes intensidades luminosas e estes comportamentos podem ser condicionados. O comportamento operante se resume em atos voluntários como andar, falar, acariciar, agredir, etc, etc. O comportamento operante é fortalecido ou enfraquecido pelos eventos que seguem a resposta. Enquanto o comportamento respondente é controlado por seus antecedentes, o comportamento operante é controlado por suas conseqüências. Pode-se condicionar qualquer comportamento operante, dependendo do que acontece depois que o comportamento termina. O que pode acontecer depois que um comportamento termina poderia ser uma gratificação, uma supressão de uma situação aversiva ou uma punição. A gratificação, quando aplicada imediatamente após um comportamento, tende a aumentar a freqüência deste comportamento, enquanto a punição tende a enfraquecer a freqüência deste comportamento operante.

Pelo que temos observado no nosso dia-a-dia como profissional e como cidadão, podemos deduzir que as famílias têm utilizado a punição a comportamentos tidos como inadequados mais do que a gratificação a comportamentos adequados. Ora, a punição pode até diminuir a freqüência do comportamento mas não mostra caminhos de conduta, enquanto a gratificação (reforçamento positivo) que aumenta a freqüência do comportamento, instala um

repertório comportamental mais adequado.

Os comportamentalistas distinguem reforçadores intrínsecos e extrínsecos, sendo estes, os que ocorrem com maior frequência, apresentando-se em três categorias parcialmente coincidentes: os reforçadores primários, os reforçadores sociais e os reforçadores secundários. Os reforçadores primários ou não aprendidos são o alimento, a ação de evitar uma dor; os reforçadores sociais são o afeto, a atenção, a aprovação, etc e os reforçadores secundários ou condicionados podem ser, por exemplo, uma cédula de dinheiro que foi associada à aquisição de comida. (Davidoff, 1980).

Não precisamos relevar aqui a extrema importância da ética na definição do que é adequado a cada sociedade. Queremos, na realidade, ressaltar a carente informação e formação dos educadores, tanto em nível familiar quanto em nível institucional escolar, na adequação de suas crianças aos valores fundamentais que sustentam a estrutura de determinada sociedade. Por exemplo, comportamentos de solidariedade e respeito ao próximo poderiam ser instalados durante o processo de desenvolvimento do indivíduo, se os responsáveis por esse processo, fossem preparados conscientemente para esta tarefa. Uma escola de pais, que preparasse pais/educadores aptos a educar seres humanos capazes de atuar dentro dos parâmetros da cidadania.

Podemos enfocar o problema da responsabilidade social do controle do comportamento, sintetizado em três perguntas básicas:

- O comportamento humano pode ser controlado? Há abundante evidência experimental, nos campos da motivação, condicionamento e desenvolvimento da personalidade, que indica que isto é possível.

- Se o controle do comportamento humano pode ser alcançado, é prudente que o profissional continue pesquisando nessa área? Os profissionais não têm outra alternativa, devem continuar com suas investigações. Seus descobrimentos podem ser utilizados tanto para aos homens como para prejudicá-los. Para evitar este último, é necessário desenvolver métodos que se oponham ao controle. O perigo não está nos descobrimentos dos profissionais, mas sim, na possibilidade de que se faça mal uso deles.

- Que garantias podem ser incorporadas a este tipo de investigação? A resposta a esta pergunta constitui a chave do dilema que os profissionais enfrentam atualmente. O código ético representa um bom passo; mas de fato, não é suficiente. Um código ético serve apenas para indicar que o profissional não deve fazer de forma deliberada um mal uso de seus descobrimentos. Não vai mais além, nem atinge as questões básicas que se referem ao sistema de valores do controlador ou do profissional. Se examinarmos com cuidado o sentido último desta norma, nos daremos conta de que quem tem possibilidade de modificar o comportamento de outros, tem que tomar uma decisão de valor acerca do que é bom comportamento ou do que é saúde mental ou então do que é um ajustamento desejável. Negar o controle seria um verdadeiro erro; agiríamos,

então, como o avestruz que oculta a cabeça na terra. De fato queremos ressaltar a necessidade de que o homem seja consciente de si mesmo e do seu papel no controle dos comportamentos de quem interage consigo, com referência à estratégia que inconscientemente utiliza para reforçar ou punir estes comportamentos, que em situações cotidianas, são instalados ou extintos, sem o menor critério metodológico. Nos atendo à situação de trabalho e/ou familiar, as pessoas têm o poder de controlar seus subjugados sem a menor preocupação do efeito social de suas ações (Krasner, 1964).

Sem dúvida, a essa altura, já nos ocorreu que o reforço positivo pode ser um instrumento extremamente poderoso no controle do comportamento das pessoas.

Para Skinner, crescimento é diminuir a incidência de condições adversas e aumentar o controle benéfico de nosso ambiente. Fadiman e Frager (1986) esclarecem a respeito dos obstáculos ao crescimento salientando o papel da punição e da ignorância:

- As *punições* informam somente sobre o que não fazer, ao invés de informar sobre o que fazer. Não capacitam uma pessoa a aprender qual é o melhor comportamento para uma dada situação. É o maior impedimento para uma real aprendizagem.

Comportamentos punidos não desaparecem. Quase sempre voltam, disfarçados ou ligados a novos comportamentos. Estes podem ser modos de

evitar punições adicionais ou podem ser formas de represália contra a punição original. A prisão é um caso exemplar que demonstra a ineficiência da punição. A vida da prisão não ensina aos reclusos meios socialmente mais aceitáveis de receber as recompensas que desejam; apenas os punem por terem cometido comportamentos criminais. Se um prisioneiro não aprendeu nada de novo, não é absurdo pressupor que uma vez em liberdade, exposto ao mesmo ambiente e ainda dominado pelas mesmas tentações, este prisioneiro repita os mesmos comportamentos. O alto índice de criminosos que voltam à prisão pelos mesmos crimes parece corroborar estas observações.

Outro problema relativo à punição é que esta reforça exclusivamente a pessoa que está punindo.

“Por isso, o feitor usa o chicote para obrigar o escravo a prosseguir no trabalho. Trabalhando, o escravo escapa do chicote (e conseqüentemente reforça o comportamento do feitor em usar o chicote). O pai reclama do filho até que cumpra uma tarefa; ao cumpri-la, o filho escapa às reclamações (reforçando o comportamento do pai). O chantagista ameaça revelar um fato se a vítima não lhe pagar; ao pagar, a vítima afasta a ameaça (e reforça a prática). Um professor ameaça seus alunos de castigos corporais ou de reprovação, até que resolvam prestar atenção à aula; se obedecerem, estarão afastando a ameaça do castigo (e reforçando seu emprego pelo professor). De uma forma ou outra, o controle adverso intencional é o padrão de quase todo o ajustamento social, na ética, na religião, no governo, na economia, na educação, na psicoterapia e na vida

familiar". (Skinner, 1971, p.26-27).

Skinner conclui que a punição não satisfaz às exigências de longo alcance da pessoa que está punindo, nem beneficia a pessoa que recebe punição.

- *A ignorância* é outro obstáculo ao crescimento. Skinner define ignorância como o não-conhecimento do que causa um determinado comportamento. O primeiro passo para ultrapassar a ignorância é admiti-la; o segundo é mudar os comportamentos que a mantêm. Uma mudança proposta por Skinner é parar de descrever eventos com palavras que não são descrições de comportamento mas termos mentais não-descritivos. Skinner dá um exemplo de como a descrição que o indivíduo faz de um evento o impede de ver as causas do comportamento que está observando. E Fadiman e Frager (1986) continuam analisando o relacionamento social:

“Pouca atenção é dada à dinâmica que pode existir em situações sociais. A ênfase está nas forças que modelam, selecionam e dirigem os indivíduos a partir de fora deles. Na realidade, a teoria não parece considerar os relacionamentos como um tipo diferente de atividade. Não há um significado especial do comportamento social diferente de outro comportamento. O comportamento social é caracterizado somente pelo fato de que envolve uma interação entre duas ou mais pessoas.” (Fadiman e Frager, 1986 p. 201).

Ainda que Skinner não discuta as relações sociais, os personagens de

seu romance *Walden Two* discutem-nas longamente. Frazier, o planejador da comunidade utópica, discute a situação da família convencional.

“Uma comunidade deve resolver os problemas da família revisando certas práticas já estabelecidas. É absolutamente inevitável. A família é uma forma antiga de comunidade e os costumes e hábitos estabelecidos para perpetuá-la estão deslocados numa sociedade que não se baseia em laços de sangue. Walden Two suprimiu a família, não só como unidade econômica, como também, até certo ponto, como unidade social e psicológica. O que sobreviver dela é uma questão experimental” (Skinner, 1972, p. 141).

Em Israel, em alguns quibutz (fazendas coletivas), as crianças vivem em lares coletivos, monitorados por um casal sem laços consanguíneos às crianças, durante a semana e estas, visitam seus pais naturais nos fins de semana. Infelizmente, não encontramos dados bibliográficos, que nos informassem das mudanças psicossociais alcançadas por esta estrutura social.

Não cabe aqui discutir essas alternativas. O que queremos enfatizar é que a criança precisa ser cuidada, precisa ser protegida, precisa do outro, um outro significativo que lhe *constitua como ser integrado*, aspectos que analisamos no capítulo s seguir.

CAPÍTULO III

A FAMÍLIA

“*No começo era a mãe*”, diz Muraro (1993 p.13). Com uma lucidez antropológica, a autora mostra, nas tribos primevas, uma mulher independente, criadora de utensílios domésticos, por serem coletoras e distribuidoras de alimentos; “*podem ter sido elas as primeiras a desenvolverem a tecnologia da pedra lascada, que permitia descascar, pulverizar, despedaçar frutos, isto é, o primeiro processamento de alimentos*” (Muraro, 1993, p.24). Responsáveis pela subsistência de seus recém-nascidos, eram respeitadas pela tarefa de manter a sobrevivência da espécie no papel de nutridoras, condição esta, que imprimia (imprinting) uma relação horizontal de fraternidade e não de poder.

Para Muraro (1993, p. 24), esta condição relacional pode ter sido mudada no momento em que os homens descobrem seu papel na reprodução, “*o que permitiria a estes controlar a fecundidade das mulheres e, portanto, controlar as próprias mulheres, porque o poder advinha do controle da*

reprodução”.

Dando um salto de trinta mil anos, hoje, na sociedade organizada, quase na sua totalidade, por classes que são estruturadas pela função produtiva e conseqüentemente com diferentes níveis econômicos, onde o trabalho intelectual se tornou mais valorizado que o trabalho corporal (braçal), a família, referência ainda, e mais acentuada agora, do ato da reprodução, se adaptou às expectativas da ordem vigente, buscando desempenhar seu papel na estrutura, numa atitude consensual/cultural. A relação vertical do poder, em muitos casos atinge seu desenvolvimento máximo, se multiplicando dentro do seio familiar como uma missão para manter o equilíbrio social sem culpa. Em cada classe os indivíduos se acomodam naturalmente, como se predestinados a desempenhar seus papéis.

“Na classe operária, a família tem também a função de ser o lugar da reprodução da força de trabalho. Um operário não pode viver solteiro. Precisa da mulher que lhe crie os filhos e trabalhe de graça, ...” (Muraro, 1990, p.103).

Segundo Gaiarsa (1992), a mulher faz mais. Diz ele que é preciso considerar que mais de dois terços do trabalho do mundo, tanto profissional como doméstico, é feito pelas mulheres (que recebem apenas 25% dos salários pagos). Para conseguir o mínimo de dignidade existencial frente às necessidades básicas da família, a mulher pertencente à classe proletária tem que trabalhar fora do seu lar, fato que em vários casos agrava a construção de uma identidade

segura de seus filhos, determinando, como diz Gaiarsa (1992, p. 124): “*A classe mais oprimida do mundo é a das crianças.*”

A família nuclear burguesa, segundo Reich (1975), é um solo fértil para a neurose. Padrões burgueses, servem de modelo para a estrutura da família nuclear proletária, onde os dilemas nos relacionamentos são freqüentes, agravados ainda pelas dificuldades econômicas desta classe social.

Parece-nos que a família nuclear em muitos casos, está perdendo uma de suas funções, a de integrar seus membros na sociedade, como cidadãos capazes de se organizar e atuar democraticamente.

Sendo nossa preocupação, “o como” as famílias têm se estruturado dentro da atual contingência social e econômica da região, buscamos mais informações sobre a importância dos papéis desempenhados no contexto familiar.

Buscamos referências em periódicos, com o intuito de atualizar dados de formas de agregar-se no grupo familiar. Encontramos no jornal O Estado de S. Paulo, do dia 12 de julho de 2000, por ocasião dos dez anos do Estatuto da Criança e do Adolescente, uma matéria que faz uma leitura chocante da agressão e abuso sexual que ocorrem no núcleo familiar da qual consta um perfil da violência infantil que colocamos no Anexo I, a fim de que se possa visualizar um quadro da situação, segundo a Abrapia. Traçamos uma síntese dos fatos relatados na reportagem. “*As histórias são quase inacreditáveis*”, diz Garbin

(2000), a articulista. Uma fala de um pai, palhaço de festas infantis, que violentava o casal de filhos de 7 e 9 anos quando a mãe saía para trabalhar. Outra é o caso de um padrasto que bateu tanto na enteada de 5 anos que ela foi parar no hospital com fraturas. Motivo: a criança tinha feito, mais uma vez, xixi na cama. A terceira relata o drama de um adolescente que tentou suicidar-se, porque a família o pressionava para arrumar uma namorada. São tragédias ocorridas no ABC paulista, que servem como exemplos da violência praticada contra crianças e jovens no país. Algumas dezenas delas são atendidas todos os meses pelo Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância (Crami), em Santo André. Até a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a violência contra menores estava praticamente fora da agenda pública. *“Quase não havia programas de combate à negligência e a maus-tratos na família e em instituições”*, relata o pedagogo Antônio Carlos Gomes da Costa no referido artigo. Hoje, várias entidades lutam para convencer a sociedade de que é preciso denunciar abusos e responsabilizar os culpados e acaba de ser anunciado o primeiro plano nacional de combate à exploração sexual. Segundo a coordenadora do Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes, Maria Lúcia Leal, a mobilização da sociedade e de setores governamentais contra a violência começou a ganhar força em 1993, com a CPI da prostituição infantil. A partir daí, afirma Leal (*in* Garbin, 2000, p. C5), o governo passou a ser pressionado a assumir direitos das crianças violentadas

sexualmente. *“E isso incluía não só as campanhas de sensibilização e denúncia dos problemas como também a busca de maneiras de enfrentar a questão com políticas públicas”*. No balanço da década, Leal conclui: *“Os anos 90 foram os da mobilização e o ano 2000 tem de ser o da responsabilização efetiva dos criminosos e do Estado para a aplicação de políticas.”* Para articular estratégias e cobrar resultados, dezenas de entidades formaram o Fórum Nacional pelo Fim da Violência Sexual. A lei também ganhou reforço em junho, foi acrescentado um artigo ao ECA, que define o crime de exploração sexual. Agora, quem violentar menores poderá passar de 4 a 10 anos na prisão.

A última pesquisa realizada pelo Crami no ABCD, em 1997, registrou 1.131 casos de violência contra crianças e adolescentes. Das 1.734 vítimas, 524 tinham sofrido maus tratos físicos, 137 abuso sexual e 231 negligência. A faixa etária que mais sofreu agressão foi a de 2 a 12 anos. O agressor mais freqüente é a mãe. O estudo revelou ainda que muitos dos que praticavam a violência eram alcoólatras e tinham alterações de comportamento. *“Isso é o que chega de denúncia, mas representa a mínima parte do que existe”*, diz a assistente social Maria Luiza Simionato. *“A gente não tem noção do que ocorre nos lares, mas há estimativas de que não conhecemos 99% dos casos.”* Segundo os pesquisadores do Crami, a violência infantil não escolhe classe social. *“É um fenômeno que abrange rico, pobre, empregado e desempregado”*, revela o psicólogo Marcelo Moreira Neumann. Ele afirma que a questão é cultural.

*“Uma parte da sociedade ainda acredita que pela dor se educa”, diz. “Apesar dos dez anos de ECA, também há uma sensação de impunidade grande e várias pessoas se sentem no direito de fazer com os filhos o que quiserem”*⁶.

Pelo estilo sincrético da jornalista citada, dispensamos comentários e julgamos ser oportuno enfatizar uma de suas afirmações: *“Uma parte da sociedade ainda acredita que pela dor se educa.”* (Garbin, 2000, p. C5). Na realidade, conforme vimos com Skinner no capítulo II, a punição não contribui para a extinção de comportamentos “inadequados”, nem favorece o condicionamento de comportamentos “adequados”.

A sociedade em geral e particularmente as famílias deveriam conhecer melhor a questão das relações humanas e as formas de educar os filhos nos diferentes momentos do ciclo de suas existências. Em muitos casos as pessoas têm a informação mas não sabem o que fazer com ela.

Carter e McGoldrick (1995) delineiam os estágios do ciclo da vida familiar⁷, estágios que possibilitam o desenvolvimento dos membros da família de maneira funcional ou que podem representar entraves a esse desenvolvimento. Quando há filhos pequenos (estágio 3) há necessidade de ajustar o sistema conjugal para criar espaço para os filhos e deve haver união nas tarefas da educação desses filhos. No estágio 4, fase da presença de filhos

⁶ Para combater isso, além de atender as vítimas, o Crami procura atuar na prevenção do problema. Por meio de cursos e palestras, a entidade tenta sensibilizar os pais e formar profissionais capazes de identificar casos de agressão e denunciá-los. Em 1998, o Crami ganhou o Prêmio Bem Eficiente e, no ano passado, o Prêmio Desempenho Empresarial.” (Garbin, 2000, p. C5).

adolescentes, novas formas de relacionamento se fazem presentes onde deve haver o respeito à independência dos jovens para permitir-lhes prosseguir no seu desenvolvimento. Muitos casais não conseguem viver estes estágios com propriedade, tornando estes momentos sofridos para eles e também para os filhos.

Em um texto preparado a partir dos documentos da Reunião Regional da América Latina e Caribe em 1993, promovida pela Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) e UNICEF, encontramos que:

“A família é uma instituição formadora de futuras gerações. Nesse sentido, é uma instância mediadora entre a estrutura social em um momento histórico dado e o futuro dessa estrutura social Sem intervenções externas, tende a transmitir e reforçar padrões de desigualdade existente...”

“É bem sabido que para obter bem-estar físico, psicológico e social, o indivíduo requer sua integração em redes sociais comunitárias, redes que contêm e canalizam a afetividade e nas que favorecem a capacidade de solidariedade e responsabilidade para com o outro, redes que conferem identidade e sentido”⁸ (CEPAL, 1994, p. 53-55).

⁷ “Os estágios do ciclo de vida familiar são (1) saindo de casa: jovens solteiros; (2) a união de famílias no casamento: o novo casal; (3) famílias com filhos pequenos; (4) famílias com adolescentes; (5) lançando os filhos e seguindo em frente; (6) famílias no estágio tardio” (Carter e McGoldrick, 1995, p. 17).

⁸ “A familia es una institución formadora de futuras generaciones. En ese sentido, es una instancia mediadora entre la estructura social en un momento histórico dado y el futuro de esa estructura social. Sin intervenciones externas, tiende a transmitir y reforzar patrones de desigualdad existentes: ...Es bien sabido que para obtener bienestar físico, psicológico y social, el individuo requiere su integración en redes sociales comunitarias, redes que contienen y canalizan la afectividad y en las que se vuelca la capacidad de solidaridad y responsabilidad hacia el otro, redes que confieren identidad y sentido.”

No referido texto há a afirmação de que os vínculos familiares, na atualidade, demonstram um caráter limitado e parcial para promover e apoiar a gestação de espaços alternativos que promovam o “*reconhecimento mútuo e a participação democrática*”. (CEPAL, 1994, p. 55) .

No entanto, no imaginário de crianças e adolescentes a família representa um sonho a ser concretizado.

Na publicação n.º 1 da NUPEF⁹ vários estudiosos tecem reflexões a partir de redações escritas por crianças entre nove e 13 anos de idade, de cinco grandes capitais, sobre o tema “como você imagina seu futuro”. Dentre eles Pedroso *et al.* (1996, p. 23) procuram compreender “*a intersecção entre indivíduo, suas relações singulares e coletivas*”, nas redações de pré-adolescentes de ambos os sexos, estudantes em escolas da rede pública e particular das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Mais especificamente, tomamos a análise de Pedrozo que procura compreender como se processam as relações entre os indivíduos no interior das famílias. Cita em seu artigo Sampaio e Carneiro (*in* Pedrozo *et al.*, 1996, p. 83) que definem a família como

⁹ Em 1989 a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo deu início a um curso voltado ao trabalho com família, visando à formação de profissionais de várias áreas interessados nesta questão.

Este curso, cuja primeira turma concluiu os requisitos exigidos em 1993, se constituiu num germe de reflexão e possibilitou o surgimento do Núcleo de Pesquisas e Estudos da Família – NUPEF, núcleo que integra o Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social da referida universidade.

Em 1996, quando era coordenadora Ada Pellegrini Lemos surgiu a primeira publicação do NUPEF. Ali ela fala na participação de diferentes áreas profissionais no referido núcleo por ser a família “*um fenômeno transdisciplinar por excelência*” (Lemos *et al.*, 1996, p. 7)

“conjunto de elementos emocionalmente ligados, compreendendo pelo menos três gerações, mas não só: de certo modo consideramos que fazem parte da família elementos não ligados por traços biológicos, mas que são significativos no contexto relacional do indivíduo ou indivíduos”.

No imaginário daqueles adolescentes predomina a idéia de família nuclear onde conteúdos significativos foram evidenciados: autonomia e individualidade, igualdade e respeito, afetividade, segurança, porto seguro, aconchego e diálogo e interação. A pesquisa *“aponta de forma significativa uma mudança na família contemporânea. Pelos depoimentos dos jovens, não vemos sinais de uma família hierárquica, onde os papéis são definidos por idade e sexo (...) há o desejo de uma família igualitária”* (Pedrozo et al., 1996, p. 60).

Consideramos significativo registrar que *“no que se refere à família como um ‘porto seguro’”* a autora cita Heller que coloca *“a família como sendo a única forma de comunidade real e a ‘casa’ o ‘porto seguro’ do indivíduo. Assim” a família torna-se a esfera íntima da existência, o local exclusivo onde se pode exprimir a própria emoção e agregar-se aos outros. O local onde se pode relaxar em conjunto, o local enfim onde se pode desfrutar a sensação de pertencer.*”(Pedrozo et al., 1996, p. 61-62).

Na mesma publicação, Grimberg (1996) também comentando redações de adolescentes, salienta o sonho das crianças em viverem um mundo

melhor e o desejo de terem uma família melhor onde elas “*se vêem participantes e responsáveis por este futuro melhor*” (Grimberg, 1996, p. 20).

Na estrutura familiar ideal, os papéis de mãe e pai são diferenciados no que se refere à interação afetiva de cada um. Segundo Gottman (1997), o pai, quando se permite interagir com seus filhos enquanto bebês, faz mais brincadeiras físicas e excitantes que as mães, como atirar a criança para o alto e fazer-lhe cócegas. A nosso ver a figura do pai funciona como um elo entre a relação de profunda dependência da criança e sua mãe, e o mundo exterior. “*Esses bebês vocalizam mais para pessoas estranhas e atiram-se mais no colo de qualquer um do que aqueles cujos pais não se envolvem tanto*” (Gottman, 1997, p.174). Envolvimento que se continuado, pode favorecer a interação da criança na idade de três ou quatro anos com colegas da mesma idade.

Mellody, Miller & Miller (1995) afirmam que os relacionamentos com outras pessoas se tornam mais seguros e respeitosos, quando os relacionamentos consigo mesmo, com o eu, são seguros e respeitosos, o que reflete a ausência de codependência. A codependência é uma doença segundo estes autores, organizada em torno de cinco sintomas que levam os codependentes a terem dificuldades em: “*vivenciar níveis adequados de auto-estima; estabelecer limites funcionais; admitir e expressar a própria realidade; tomar conta de suas necessidades e desejos adultos; experimentar e expressar moderadamente sua*

realidade” (Mellody, Miller & Miller, 1995, p. 29).

As condições necessárias que garantem a construção de pessoas maduras e funcionais, onde *funcionais* se define como adultos capazes de se organizar segundo as características acima mencionadas podem levar o indivíduo a participar da trama social com total consciência de seu valor enquanto cidadão capaz de “*negociar opções a respeito de como compartilhar o poder ou fazer concessões com relação a uma questão específica.*” (Melody, Miller & Miller, 1995, p.96).

Portanto, não se pode negar o papel da estabilidade física e emocional no contexto familiar, relevando o nível qualitativo das interações afetivas entre seus membros.

No capítulo IV apresentado a seguir, tratamos da metodologia da pesquisa.

CAPÍTULO IV

O CAMINHO METODOLÓGICO PARA CHEGAR À REALIDADE

4.1 A metodologia

São vários os critérios de classificação de uma pesquisa. Na escolha da metodologia desta pesquisa apoiamo-nos em alguns autores que possibilitaram encontrar meios para responder aos nossos questionamentos. São eles: Antônio Carlos Gil, autor de *Como elaborar projetos de pesquisa* (1993) e Luiz Cervo & Pedro Alcino Bervian autores de *Metodologia Científica* (1996).

Segundo Gil (1993) qualquer classificação se faz mediante certos

critérios. Quando se trata de pesquisa é usual a classificação com base em seus objetivos gerais. Deste ponto de vista é possível classificá-las em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas. Optamos pela pesquisa exploratória que para o referido autor deve envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Nossa pesquisa envolveu um levantamento bibliográfico e entrevistas.

Para Cervo e Bervian (1996, p. 48)

“qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige uma pesquisa bibliográfica prévia, quer para o levantamento da situação em questão, quer para fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa”.

Optamos pela entrevista por ser uma forma de contato pessoal entre duas pessoas, que na perspectiva fenomenológica que abraçamos *“se dá sob a forma de existência situada no encontro”* (Carvalho, 1991, p. 7). Encontro que tem identidade própria, obrigando o pesquisador a sair de si mesmo, indo, intencionalmente, à compreensão empática do outro. As entrevistas foram realizadas durante o segundo semestre de 2000, com casais de trabalhadores rurais que trabalham ou trabalharam “na cana” na condição de bóias-frias. As falas dos homens e das mulheres foram analisadas a fim *“de proporcionar*

maior familiaridade com o problema com vistas a torna-lo mais explícito” (Gil, 1993, p. 45).

Esta pesquisa foi desenvolvida sob a ótica da metodologia qualitativa pois buscamos mais do que simplesmente descrever o objeto; procuramos entrar em contato com experiências dos sujeitos em situações de trabalho e no âmbito familiar, considerando de antemão a riqueza que é particularmente a vida emocional destes sujeitos. Na pesquisa qualitativa o entrevistador também é sujeito (Martinelli, 1994) e dificilmente conseguirá uma situação de diálogo, se não se manifestar como tal, como sujeito político assim como o é também o entrevistado.

O universo da pesquisa foi composto por cinco casais moradores do CDHU em Altinópolis-SP, escolhidos dentre os representativos do grupo quanto à idade, escolaridade, renda mensal, com ou sem “vínculo empregatício” e que integravam um núcleo familiar.

Procedemos à coleta de dados através de entrevistas seguindo um roteiro (Anexo II) direcionado a situar os sujeitos dentro de um quadro existencial específico procurando captar a organização subjetiva destes sujeitos, e obter dados que possibilitassem aprofundar o conhecimento das relações afetivas/emocionais no sentido de responder às questões por nós levantadas. Para tanto buscamos nos teóricos humanistas, uma alternativa de buscar o conhecimento, de modo diferente daquele comum às ciências naturais

positivistas, buscando estabelecer uma nova perspectiva para ver o fenômeno tão subjetivo à observação empírica, porém indiscutivelmente presente na forma como o indivíduo responde aos estímulos do meio social, na sua (do indivíduo) natureza constitutiva, como assinala Heidegger (1962) na busca de compreender a ontologia fundamental do *ser* em sua gênese no seio da família.

Utilizamos a entrevista não diretiva que segundo Thiollent (1985), é uma conversação iniciada a partir de um tema geral sem estruturação do problema por parte do investigador. Segundo este autor, a entrevista não diretiva não se distancia muito do procedimento diretivo, ainda que aquela possibilite uma individualização regressiva do social para o psicológico. Cabe ressaltar aqui que a não diretividade se apóia ou é associada à concepção teórica de Carl Rogers que na sua visão da dinâmica da personalidade diz: *“Todo o indivíduo existe num mundo de experiência do qual é o centro e que está em permanente mudança.”* (Rogers, 1951, p. 467) .

Nossa intenção era entrevistar cada membro do casal separadamente, iniciando com os homens. No entanto, com o quinto casal, tivemos contato primeiro com a mulher, depois com o marido que chegou alcoolizado e em seguida chegou o filho mais velho, que participou da entrevista. A segunda entrevista foi realizada somente com o marido que “com jeito impediu” a participação da mulher. O terceiro casal foi entrevistado conjuntamente com a presença dos três filhos. As outras duas entrevistas ocorreram conforme

havíamos planejado. Estas alterações em nada comprometeram o desenrolar das entrevistas e seus resultados.

É importante mencionar que procuramos entrar em contato com os sujeitos de modo o mais informal, procurando-os ora nos bares, ora em suas casas e mesmo em encontros fortuitos na própria rua a fim de marcar as entrevistas. Relembramos aqui Moffatt (1991) que fala sobre as mudanças de atitude dos operários quando se deparam com alguém “bem vestido”, conforme vimos no capítulo I. Acreditamos ter conseguido estabelecer uma relação cordial desde o primeiro contato, o que facilitou o estabelecimento da confiança que possibilitou a realização das entrevistas. Durante a realização das mesmas buscamos encontrar um clima de empatia com os entrevistados, procurando deixa-los o mais descontraídos possível.

As entrevistas tiveram a duração de cerca de 60 minutos, sendo as falas gravadas (com o consentimento dos participantes da pesquisa) e posteriormente transcritas para análise.

4.2 O lócus da pesquisa

Para melhor contextualizar o universo pesquisado, apresentamos

alguns dados sobre a cidade de Altinópolis¹⁰.

O *Sistema Demográfico* é assim constituído: a cidade de Altinópolis possui uma população de 13888 habitantes. A zona urbana tem 10.869 habitantes sendo 5382 homens e 5487 mulheres. A área rural tem 3.019 habitantes sendo 1596 homens e 1423 mulheres.

As principais *Atividades Produtivas* em Altinópolis estão centradas na agropecuária, plantação de café, cana-de-açúcar, milho, soja e outros; também há criação de bovinos, suínos e avicultura.

No que diz respeito ao *Sistema de Habitação*, o município conta com 3050 domicílios particulares permanentes urbanos, com 1634 domicílios rurais e há um déficit habitacional de cerca de 400 residências.

No *Sistema Educacional*, a cidade conta com três escolas municipais, duas estaduais e duas particulares.

“O índice de evasão nas escolas municipais foi de 0 (zero), chegamos a este resultado após a implantação de um projeto de erradicação da evasão escolar, em parceria com o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Altinópolis e o Conselho Tutelar.” (Plano Municipal de Assistência Social do Município de Altinópolis Estado de São Paulo - Brasil. 2000, p.18).

¹⁰ Dados retirados do Plano Municipal de Assistência Social do Município de Altinópolis - Estado de São Paulo – Brasil. 2000.

No item *Caracterização Social*, o Plano cita dois Centros Comunitários que atendem a comunidade através de cursos profissionalizantes e plantão social. Além dos atendimentos já citados, o município conta com o Programa de Atendimento ao trabalhador que envolve dois projetos: *Bóia Quente* e *Fortalecendo a Família*.

A meta do programa *Fortalecendo a Família* é “atender 80 famílias desempregadas e desestruturadas em função do despreparo profissional” (Idem, 2000, p. 83). O Plano Municipal de Assistência Social do Município de Altinópolis cita que a droga vagarosamente vem se infiltrando no seio da família altinopolense por meio dos jovens. Altinópolis ainda não conta com banco de dados para que possamos ter um perfil dos adolescentes no âmbito social.

A seguir passamos à apresentação e análise dos dados.

CAPÍTULO V

A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Buscamos nas entrevistas, duas categorias de afetividade, detectando suas ocorrências e direcionalidades no caso da empatia, considerada por nós, como afetividade voltada ao social e auto-estima, como a consciência de seu valor alicerçada na maturidade existencial, como afetividade voltada a si mesmo. Estas duas categorias de afetividade têm suas origens já na infância, tendo a vivência familiar um papel preponderante nos seus desenvolvimentos. Nossa busca se concentra em detectá-las tanto no trabalho, quanto na família.

A afetividade é definida por Augé & Larousse (1963, p. 19) no *Petit Larousse* como o “*resultado da união das partes de um todo dos fenômenos*

afetivos (tendências, emoções, sentimentos, etc.) . Força constituída por esses fenômenos, no seio do caráter individual.” A afetividade tem as características de um potencial, no mesmo sentido em que o é a inteligência. Na verdade, em nível fisiológico, cada uma dessas funções é ativada em regiões distintas do cérebro humano. É lógico que uma atitude basicamente de domínio da inteligência ou da emoção, estimula todas as funções cerebrais, porém segundo Rof Carballo (1968), as suas origens se localizam em regiões cerebrais distintas, tendo a inteligência lógica sua origem no córtex cerebral e a emoção se origina em uma região mais interna no cérebro, denominada hipotálamo. Toro (1977), nos lembra que um torturador é capaz de entrar em êxtase frente a uma obra de Chopin ou amar sua filha de três anos de idade.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa decidimos nos ater a duas categorias do comportamento afetivo, a saber: a *auto-estima* e a afetividade direcionada ao exterior, a *empatia*.

Com base no conceito de Laing (1973), sobre “insegurança ontológica”, podemos definir auto-estima como a capacidade do homem de reconhecer seu valor existencial e de agir coerentemente a este reconhecimento, demonstrando um alto índice de afetividade direcionada a si mesmo. Em Mellody, Miller e Miller (1995, p. 67), encontramos a definição de empatia como “*Na qualidade de adultos saudáveis, podemos sentir empatia por outra pessoa enquanto ela compartilha conosco seus sentimentos, porque podemos*

vivenciá-los um pouco com ela. Todo mundo pode absorver sentimentos de uma outra pessoa.”. A empatia tem sido desenvolvida principalmente por profissionais da área das ciências humanas. Goleman em seu livro *Inteligência Emocional* cita o Dr. Peter Sifneos que cunhou o termo *alexitimia* para definir pessoas que apresentam incapacidade de manifestar emoção.

“Embora ninguém possa ainda dizer com certeza o que causa a alexitimia, o Dr Sifneos sugere uma desconexão entre o sistema límbico e o neocórtex, sobretudo os centros verbais, o que se encaixa bem no que temos aprendido sobre o cérebro emocional”. (Goleman, 1995 p.65).

Para este autor, as origens da empatia estão fundamentadas na consciência acerca de nossas próprias emoções, o que nos leva a entender o sentimento alheio. Para o autor, todo relacionamento, que é a raiz do envolvimento, vem de uma sintonia emocional, da capacidade de empatia.

“Essa capacidade – de saber como o outro se sente – entra em jogo em vários aspectos da vida, quer nas práticas comerciais, na administração, no namoro e na paternidade, no sermos piedosos e na ação política.” (Goleman 1995 p.109).

Serão relevados fragmentos dos depoimentos mais significativos dos participantes da pesquisa, na medida em que possibilitaram o aprofundamento da análise e da compreensão de suas vivências familiares.

5.1 A análise

A seguir apresentamos a análise concernente às falas de cada casal, enfocando dados da vida pessoal de cada um, da vida em comum do casal, de seus relacionamentos com os filhos e enteados bem como seus pontos de vista sobre o trabalho que exercem.

Casal 1 J.C. e C.O.

J.C. tem 32 anos e C.O. tem 31 anos. São casados por união consensual. Ele cursou até a 3ª série do ensino fundamental e ela fez até a 5ª série. Ele nasceu no Paraná e está em Altinópolis há 15 anos. Ela é de Dumont, cidade próxima a Ribeirão Preto e vive em Altinópolis há 14 anos. A esposa já tinha uma filha quando se juntaram para viverem juntos. O casal tem dois filhos desta união. Hoje parece que há harmonia na relação, ainda que a esposa tenha relatado sofrer agressões corporais por parte do marido. O primeiro filho do casal apresenta dificuldades escolares. A avó paterna cuida dos netos, no período

da tarde, quando estes não estão na escola. J.C. deixou o trabalho com a cana e lida com o café pois este tipo de cultura proporciona serviço o ano todo. Sua renda mensal é variável, ganha por volta de R\$ 300,00. A mãe que trabalhou com a cana, hoje é empregada doméstica ganhando um salário mínimo¹¹. C.O. deixou a cana por problema de saúde (da visão). O casal demonstra ter um projeto de vida, que inclui o futuro dos filhos. Eles foram entrevistados separadamente.

J. C. expressa auto-estima principalmente em situação de trabalho, quando declara estar se preparando para o futuro.

“Meu sonho é um dia ter pelo menos uns dois ou três qualquer pra mim plantá um café pra mim.”. Reconhece que o trabalho na “roça” é pesado e sofrido mas ressalta que : *“...é um trabalho livre, você trabalha livre no campo aberto”*.

Tem consciência da precária remuneração pelo trabalho que nos parece, tem para ele, um significado profundamente existencial.

Quanto à afetividade direcionada à família, se limita ao suprimento material, isto é aos bens de consumo como alimentação e “agrados”.

“O que eu posso fazê pra eles eu faço, trago uns agrado.”

¹¹ O salário mínimo vigente, no segundo semestre de 2000, época da realização desta pesquisa era de R\$ 151,00.

Demonstra alguma afetividade direta em relação aos filhos, sem objeto intermediário, quando diz:

“A gente conversa bastante com eles, tadinho, não bato não, tenho dó de batê, muito difícil eu batê neles. Nós vai levando na base do possível, ...”.

Prosseguindo sobre sua vida em família, diz:

“Os filho... a gente sai cedo, eles tá dormindo. Chega à tarde, às vezes você chega tem de fazer alguma coisinha, busca uma coisa ali, você convive muito pouco com eles, mas tem hora que a gente perde a paciência [risos], vai levando na base que pode. Criança é muito levada. Eu tenho muita amizade com eles.”

Percebemos a expressão da afetividade relacionada ao trabalho, direcionada a manutenção da sua auto-estima. Parece que ele se sente melhor consigo, porque demonstra prazer no que e como faz seu trabalho. Demonstra traços do caráter mais desenvolvido, segundo Reich, a capacidade de sublimar sua agressão em realizações sociais, que no contexto histórico de seu desenvolvimento afetivo se limita à família, em seu bem estar.

A esposa C.O., que tem um salário menor como empregada doméstica,

expressa menos auto-estima no seu trabalho. De poucas palavras, não comenta muito sobre seu trabalho. Diz:

“Gostaria de ficá com meus filho.”

Na família, sua interação afetiva se expressa ao tentar acompanhar os deveres escolares.

“Até a D. (primeira filha), eu que ensino os deveres ... nosso estudo era muito pra trás, tem coisa que eu não sei fazê.”

Na relação com os filhos, diz:

“Eu não bato, eu dô muito conselho pra eles, mas eu não costume bate não. Faço uns elogios pra eles ...”.

Solicitada a explicar melhor ela diz:

“...assim sabe, quando a gente pode, assim nois vai nois elogia eles.”

Ela demonstra um grande respeito pelo marido. Do muito pouco que deixou transparecer de sua afetividade, encontrou espaço para expressar seu instinto primário e fundamentalmente social, de cuidado da prole, ainda que

manifesta uma dificuldade no acompanhamento do processo do desenvolvimento cognitivo dos filhos. Isto é, nem está com seus filhos o tempo necessário, nem estaria pronta para, ainda que com amor, utilizar este tempo para o seus desenvolvimentos racionais.

Casal 2 M.H. e J.R.

M.H. tem 32 anos de idade. Nasceu em Santo Antônio da Alegria, SP, mas foi criado em Altinópolis. Coursou até a 3ª série do ensino fundamental. É casado (civil e religioso) e possui um filho de oito anos. Está no começo da vida matrimonial, e demonstra ter consciência do papel de provedor do núcleo familiar. M.H. disse gostar do trabalho que realiza onde ganha de R\$ 500,00 a R\$ 700,00 nos períodos de safra, e se mostra desconfiado com a entrevista. Poderíamos dizer que se sente invadido na sua intimidade. Demonstra muita tranquilidade ao falar do trabalho com a cana, assumindo sua qualificação para a função de cortador de cana e uma consciência crítica da sua relação com a usina e com o sindicato. Revelou fazer reivindicações de segurança no trabalho uma vez que percebe situações que o desagradam.

M.H. expressa alto grau de auto-estima no trabalho e se mostra bastante consciente com relação ao seu papel profissional. Critica a atuação do sindicato no que diz respeito à exigência do uso de óculos no corte da cana.

“Isso aqui pra mim não me serve. Eu trabalho no corte de cana à muito tempo, isso aqui não tá aprovado. O óculos me atrapaia.”

Trabalha desde os 12 anos de idade na cana. Diz:

“Eu sou cortador de cana experiente”.

Tem contato fora do serviço com os companheiros de trabalho mostrando empatia para com eles. Diz:

“Eu tenho vários companheiros, são amigo e amigo mesmo que trabalhou comigo desde que comecei a cortá cana. A gente topa a turma do gato, topa a turma que trabalha pra usina, sempre lá em baixo na praça, toma uma cerveja, vai daqui vai de lá, conversa as coisa.”

Apesar de demonstrar uma elevada auto-estima como cortador de cana diz:

“Esse trabalho é só sofrimento, dinheiro nada, assim igual que eu falei, ganhar dinheiro, conseguir uma casinha, trabalhar, mas

ficar bem de vida com o corte de cana, não dá. Já ganhei tanto dinheiro com o corte de cana [era solteiro], na época eu ganhava, hoje eu ganho ainda, ganho vinte reais, ganho quinze, eu corto quinze toneladas por dia, pra pode ganha aí dezoito, dezessete real. Corto um caminhão de cana por dia.”

Percebemos sua postura ativa e sua voz firme de quem reconhece seu valor, ainda que com consciência da má remuneração, em função de hoje estar casado e possuir um filho.

Quanto à afetividade direcionada à família, expressa procurar manter um diálogo com o filho único de oito anos e com a esposa.

“Converso sobre meu filho, falo pra ela [a esposa] que eu não quero que meu filho segue um mau caminho, por tudo nessa vida que eu vivo trabalhano em serviço pesado, essas coisa, não quero meu filho nunca no mal caminho, porque tem maconhero por aí, tem traficante, essa desgraça.”

Demonstra vivenciar momentos de empatia com a esposa quando diz :

“Eu e ela tem uma vida de príncipe, minha mulher nunca desprezo. Eu converso com ela, nós conversa as coisa, troca idéia

negócio de serviço ...”

M.H. fala com segurança, demonstrando conhecer seu valor existencial e conseqüentemente uma elevada auto-estima. Espera que o filho estude, mas temendo ver a possibilidade deste entrar em contato com a droga acrescenta:

“Quero que ele estuda pra não pegá o serviço que eu tô pegando, mas se for para ele pega qualquer coisa, seguir essa desgraça (a droga), então eu quero que ele siga o meu caminho, vai corta cana igual o papai cortou cana ...”

Sua postura, seu tom de voz e sobretudo seu discurso, nos levam a perceber um cidadão consciente de seus direitos bem como os de seus companheiros de trabalho, demonstrando uma maturidade de caráter, ainda que faça uso de seu empoderamento para preservar o núcleo familiar, nos privando do contato com sua esposa.

Casal 3 R.B. e F.R.

R.B. era viúvo quando se casou (civil e religioso) com F.R. Tem dois filhos do primeiro casamento e quatro do atual. Ele tem 39 anos, nasceu em Campo Alegre na Bahia e vive em Altinópolis há 10 anos. Coursou até a 4ª série

do ensino fundamental. F.R. tem 33 anos, também nasceu em Campo Alegre, e está em Altinópolis há 10 anos. Coursou até a 3ª série do ensino fundamental. A esposa trabalha no corte da cana ganhando em média R\$ 500,00 por mês. A filha mais velha cuida da casa e o segundo filho vende sorvete, trabalho que realiza contra sua vontade. Pelos contatos estabelecidos nas entrevistas, a família mostrou estar em harmonia. Os filhos, que estiveram presentes durante a entrevista, demonstraram um afeto declarado, direcionado principalmente ao pai.

O homem R.B., 39 anos, não trabalha mais na cana devido a duas pontes de safena implantadas. Não expressa nenhuma afetividade com relação ao trabalho. Diz que está “na caixa”, isto é, recebe do INSS por invalidez. Completa a receita doméstica como autônomo, vendendo cachorro quente em festas e trabalhando em capina como diarista. Descreve em detalhes o “desgaste” que é o trabalho na cana. Sua auto-estima aparece quando se lastima por não trabalhar na sua especialização e diz:

“Se eu pudesse trabalhava numa função que eu to acostumado, mas aqui não tem ela, mexia com metalurgia, ...”.

Fala muito sobre detalhes do trabalho da cana, diz ter alergia mas mesmo assim continuou com o trabalho. Parece estar tentando justificar o fato de estar recebendo um salário como aposentado por invalidez. Aí podemos

perceber um rebaixado nível de auto-estima.

Quanto à afetividade direcionada à família, se preocupa com o futuro dos filhos.

“Cumé que nois vamo fazê pro filho não ir pr’aquele serviço, eles tem que estudá, vê se acerta aprendê computador, essas coisa, nois fala, nois conversa”.

Chega a demonstrar insegurança frente ao desenvolvimento intelectual dos filhos quando diz:

“... a escola deles ta teno atividade maior que a gente não sabe, a gente mesmo é ganhado na conversa do filho ...”.

Também critica a televisão que o desautoriza no controle do seu poder dentro da família.

R.B. se sente “ameaçado” em sua identidade, pelo fato de um de seus filhos, estando adquirindo conhecimentos na escola, questionar posturas educativas do pai. Nos parece que o filho está adquirindo empoderamento na escola e isto perturba a relação familiar.

Apesar de tudo demonstra ter conseguido um elevado grau de empatia com os filhos, que estiveram presentes durante a entrevista, principalmente

quando ao final verbaliza:

“que vai ter um pai melhor que este?”.

Reconhece o esforço da esposa que trabalha no corte da cana, quando diz:

“meus fio, graças a Deus eu trato direitinho, a muié a mesma coisa, só que ela trabalha mais eu, porque eu não do conta só, ela trabalha mais do que eu”.

Valoriza o trabalho das filhas mais velhas no serviço da casa e reclama do filho que já não quer vender sorvete na rua:

“Eu vi que tá bom de sorvete, vai vende um sorvete pra mantê ele, compra um material pra ele. Até que isso tá bom, nuns quatro ano que ele se mantem. ... mas ta crescendo, muda as idéia, parece que já qué uma namoradinha ou alguma coisa, tá com vergonha, ... ele qué arruma outro serviço...”

Fala como se estivesse com o filho :

“Meu filho, vai ganha dinheiro hoje pra nois compra uma

melancia pra ocês enchê a barriga, o que sobrá ocê dexa alí juntano dois real, três real procê compra um calçado no outro mês”.

Ponte de safena, problema cardíaco e repressão emocional, andam juntos. Vimos no capítulo II quando Reich (1998) fala na formação da couraça do caráter. A energia de R.B. deve estar provavelmente retida em alguma região do seu corpo, tensão corporal conseqüente de introjeções de valores. Provavelmente, por isso mesmo, se sente capaz de utilizar a teoria do reforço, ainda que inconscientemente, para reforçar comportamentos educativos de adaptação ao sistema que garantem a manutenção da possibilidade de ascensão social. Ao mesmo tempo, demonstra preocupação com o desenvolvimento cognitivo de seu filho, parecendo se sentir vítima da própria opção assumida.

A esposa F.R., que trabalha na cana, critica os exercícios que todos devem fazer antes de começar o serviço para precaver as câimbras.

“Ni mim nunca deu câimbra não. Eu não gosto de atraza uns quinze minuto”.

Demonstra senso de responsabilidade pois na verdade é ela que é melhor remunerada. F.R. encontrou pouco espaço para se expressar durante a entrevista mostrando submissão ao marido que sempre interferia nas respostas dela.

F.R. demonstra pouca afetividade no contexto familiar, parece que o marido, que permanece em casa durante os dias úteis, está mais próximo dos filhos e no controle dos mesmos. Pouco conseguimos perceber de sua afetividade, de um lado por sua extrema introversão e por outro pelas interferências do marido nos momentos em que procurava se manifestar.

Casal 4 J.E e E. N.

J.E. tem 39 anos e E.N. 53 anos de idade. Ele é divorciado (tem três filhos da primeira união). Ambos nasceram na capital e ela, separada três vezes, vive com J.E. em união consensual. Vieram de São Paulo há três anos. Ele cursou até a 8ª série e E.N. fez até a 4ª série do ensino fundamental. Ele é ex-presidiário, condenado por homicídios (sic). Vivem com os três filhos da esposa, que recebeu a guarda destes há dois anos e meio. Os filhos vieram de uma instituição onde estiveram recolhidos legalmente devido a incapacidade da mãe, que na época fazia uso incontrolado de drogas. Apresentam uma situação familiar desestruturada, sem controle do comportamento dos filhos adolescentes, que não freqüentam as aulas durante o dia e voltam tarde da noite (sic) para casa. J.E. está desempregado, depois de ter experimentado o trabalho com a cana sem sucesso. E.N. trabalha como doméstica, ganha R\$ 200,00 e sustenta a família com dificuldade. Foram entrevistados separadamente, o que nos pareceu propício para obtermos declarações que não ocorreriam na presença do parceiro.

O homem J.E. desempregado, expressa auto-estima quando relata seu passado nos presídios por onde passou.

“...fui chefe de rebelião, fui chefe de faxina, fui chefe de xadrez, assim adquiri muita gente do meu lado.”

Nos pareceu deprimido e com pouca vitalidade, mesmo estando alcoolizado. Em sua rápida passagem pelo trabalho no corte da cana, demonstrou ter tido muita facilidade de estabelecer vínculo com os companheiros que o ensinaram o serviço do corte, demonstrando aí algum traço de auto-estima, dizendo:

“... Eu tenho facilidade de comandar. O pessoal gostava muito de mim né, naquela época eu estava na Assembléia de Deus e tinha gente da Assembléia, entendeu, que me dava a maior força, me ensinando tudo e eu fui pegando o jeito, mas aí eu cortei o dedo né com o folhã. Aí fiquei encostado no seguro, eu tava na fase de experiência que tava acabando. Aí me mandaram embora. Trabalhei quase dois meses lá.”

Verbaliza utilizando corretamente a língua portuguesa. Diz querer voltar para os filhos [da união anterior], quer deixar a mulher com quem vive e

“...procurar um servicinho que eu sou operador de máquina, ajustador mecânico, aqui não tem campo pra mim trabalhar.”

Quanto à afetividade direcionada à família, esta aparece mais como uma crítica à maneira como a esposa trata seus (dela) filhos. Se abstém da educação apesar de expressar preocupação com o futuro dos adolescentes com quem vive.

“A gente procura orientar as pessoas que a vida não é por aquele lado ... Se deixar eles vão tudo entrar pro lado do crime... os filhos dela já veio de criação assim conturbada, às vezes eu nem boto dedo, acordei eles assim e falei vai tomar banho, ele saiu correndo aqui e disse: vai tomar no seu ... Um homem, olha eu até arrepio, sou ex-presidiário, se um fala desse jeito pra mim, na cadeia ele morre ou na rua eu matava um cara desses, mas agora criança ... Já vem de criação, é uma coisa, doutor, meus filhos não tinham esse negócio não, quando eu falava uma coisa pra eles, era aquilo, agora eu falo, é uma coisa de criação, o pai era uma pessoa que não era, certo? A mãe também é uma pessoa que não é certa, então os filhos vão naquela adaptação que já vem de lá.”

Aqui notamos uma baixa auto-estima, sentimos mesmo estar diante de um homem derrotado, sem emprego e pareceu-nos, com dificuldade de enfrentar a luta pela vida. A entrevista foi realizada no período da manhã e ele já estava alcoolizado. Ele continua:

“...eles (os filhos) são tudo revoltado, pô. Pai batia na cara, pai jogava ele na parede, a mãe manda eles tomar no (não diz), chama eles de filho da puta, chama eles de viado. Eu falo direto, filho não se cria assim, conversa. Mas as coisa que a gente sofre, a gente sofre porque a gente quer, entendeu?... Se coloca um animal ali no canto e bate sem parar...”

Neste momento ele começa a chorar. Terminamos a entrevista.

A esposa E.N. não quer falar do seu trabalho. Não expressa nenhuma auto-estima. Expressa sua agressividade e desrespeito com relação aos filhos e um total desinteresse com a escolarização dos mesmos.

“Sou muito brava com ele (o marido) e com os filho também. Eu não tenho assim aquela paciência, sou muito de estorá. Às vezes chego a batê nos meus filhos, quando me tiram do sério. Eu não tenho paciência de jeito nenhum.”

Trata de assuntos de alguma gravidade como violência no lar, com tranqüilidade e desembaraço o que nos levou a perceber que sua auto-estima é egocêntrica, voltada a si mesma e não nos papéis desempenhados nas relações familiares. Reclama que os filhos dormem fora, faltam da escola. Uma semana após a entrevista, a polícia civil incriminou dois filhos dela, um de 13 e outro de 14 anos de idade, por furto em dois estabelecimentos da cidade.

E.N. conta como foi a internação dos filhos no Orfanato Bethânia em Ferraz de Vasconcelos, estes que agora estão com ela:

“...Eu tive uma recaída e aí eu tive que interná eles, fiz umas amizade, eu achei de usá droga e chegou uma assistente social em casa. Quando ela chegou a primeira vez eu não quis atendê ela, na segunda vez ela falou que era melhor para os menino, aí eu peguei e resolvi. Então eu falei ó, seis sabe o que vocês faz, seis arruma uma mulher pra por os meus filho, pra eu poder me levantá. Então eles arrumaram um lugar naquele orfanato. Se eu morasse aqui eles mandavam investigar, assistente social sabe, saia na vizinhança, queria saber se eu tava bebendo, se eu tava fumando, se eu tava cherando, o que eu tava fazendo. Aqui em Altinópolis eu fiquei bastante tempo sem eles, pra depois trazer. Tá muito difícil com eles, dizem que vai na escola à tarde, mas ficam na rua. Isso é ruim por causa de má companhia.”

Comenta que o filho mais novo de 11 anos, que freqüenta a APAE, está apresentando tendência ao suicídio. Não demonstra nenhuma empatia no trato com o marido, nem com os filhos. Diz ela:

“...ele (o marido) não arrumou emprego mais 100% por causa do meu ciúme”.

Demonstra aqui sua insegurança na relação e conseqüentemente, um baixo nível de auto-estima. Brun (1999) ressalta, em sua visão sistêmica da família, a consciência do processo de acomodação dos papéis que os membros de uma família, devem vivenciar conseqüentemente a um recasamento. O marido entrevistado, ainda que intuindo o valor do reforço positivo, rechaçando a punição, informa com naturalidade sua história criminal.

Procurando compreender a realidade deste cidadão no contexto familiar em que se encontra, percebemos uma busca de adequar seu caráter narcisista ao meio propício que se configura no núcleo familiar ao qual pertence no momento. Fala do interesse dos filhos da esposa quando os instrui a como imobilizar um homem. Ao mesmo tempo em que prevê, aparentemente preocupado, um futuro marginal para os meninos, pela maneira como se caracterizou o vínculo que os mantem unidos, os coloca em contato com

situações de violência que os distancia da vivência de empatia com o próximo. Distante está Brun (1999) desta forma de educação, quando mostra que num novo casamento cada membro da família tem seu papel definido em um roteiro de vida, criado ao acaso, com um objetivo, que nesta pesquisa, não chegamos a detectar.

Casal 5 M.I. e I.G.

M.I. e I.G. são casados no civil. Ela nasceu em Altinópolis, tem 37 anos e cursou até a 4ª série do ensino fundamental. É seu segundo casamento. Já possuía quatro filhos e tem mais um da segunda união. Ele tem 42 anos, fez até a 3ª série do ensino fundamental e é aposentado por invalidez recebendo mensalmente R\$ 280,00. Os dois trabalharam na cana. No momento somente ela trabalha tendo uma renda de R\$ 350,00. Ele é alcoólatra e não consegue desempenhar o papel de pai (e de padrasto), passando o dia entre o bar e a casa. A família apresenta uma desestruturação ainda em processo inicial; o filho mais velho (que participou da entrevista) demonstra perda dos vínculos familiares, com ausências do lar cada vez mais prolongadas. A esposa é quem procura manter o vínculo e a harmonia familiar, atitude que observamos durante a entrevista, através de verbalizações e questionamentos dirigidos ao marido e ao filho.

A entrevista foi feita com os dois juntos. O marido sem demonstrar

qualquer auto-estima, repetiu inúmeras vezes que com sua aposentadoria mantém a dispensa cheia. Esta foi sua única manifestação afetiva com relação à família. Diz:

“...só que os muleque chega meia noite em casa, pulano as janela, pulano as janela, porque as porta, eu tranco as porta, quebro as porta tudo dentro de casa, e ainda dá muito pobrema.”

E continua :

“... o apoio que eu do pra eles é tudo, é cumida, é ropa, é sapato, é remédio, é o poso que eles tem e a boa amizade, agora eles não qué nada comigo, eles qué só rua, só rua.”

Questionamos porque eles querem só rua. Neste momento a esposa intervem e diz:

“Porque ele [o marido] bebe, ... é agressivo com eles, eu já pedi pra ele manerá, que não vai ser com palavrão ... tira o muleque da cama de qualquer jeito, ... eles não suporta ele ... que vão faze de tudo pra fica mais pra rua e [um deles] já me jogou muitas veiz na cara que prefere ir pra FEBEM do que mora comigo e ele aqui dentro

de casa. Eles não estão ino na escola e ficam com os filho da outra lá.”

Aqui nos remontamos a Reich, conforme apontado no capítulo II, quando diz que variam as situações e a resposta é a mesma. Isto é, frente a situações aversivas os meninos reagem da mesma forma, fogem. Podemos acrescentar ainda o falso empoderamento do alcoolizado (Moffatt, 1991).

Estaria M.I. se apoderando e de retorno a sua casa, ainda alcoolizado, impondo seu “falso” poder, sem qualquer feed-back, criando uma situação aversiva aos membros da família, levando-os a comportamentos de fuga desta situação?

Identificamos aqui, uma situação social (insegurança no trabalho) que leva a droga (álcool) na busca do empoderamento, produzindo uma cadeia de conseqüências comportamentais, que resultam em tomadas de decisões (de fuga do lar) que desestruturam o núcleo familiar e criam um outro problema de perda de identidade social, que é o laço de sangue, fazendo as crianças desta família se sentirem mais confortáveis na rua, onde organizam as chamadas *gangues*, com uma identidade de comportamento já bastante conhecida pela ordem social urbana.

A mulher expressa um alto grau de auto-estima no trabalho, onde demonstra afetividade com relação a este e à equipe com quem trabalha.

“Tá difícil a relação com a família porque serviço eu acho assim que é legal. Eu acho que é a horinha que eu mais tranquilizo a cabeça. Às vezes eu até me preocupo de vim embora”.

Demonstra preocupação com o filho mais velho.

“...fico sem dormir até ele chega, escutano os passos. Isso não é bom pra mim, isso tá me fazendo mal.”

Demonstra afetividade para com os filhos que estão presentes na hora da entrevista, porém não percebemos reciprocidade (empatia) na relação.

Parece termos entrado em contato com outra família afetivamente desestruturada, que se formou sem a preocupação consciente de uma acomodação, segundo recomenda Brun (1999, p. 45), à nova situação de recasamento, quando cada membro da nova família pode estar *“em um momento descompassado do outro, em graus de intensidade e formas diferentes.”* As uniões se dão assim, sem um projeto existencial definido, determinando papéis que emergem de um roteiro de vida familiar, acomodado ao caráter de cada um dos membros que compõem este núcleo social.

As reflexões conclusivas são apresentadas a seguir, no capítulo final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa preocupação, nesta pesquisa foi, em princípio entrar em contato com o cotidiano afetivo familiar do trabalhador bóia-fria, isto é, os adultos responsáveis pela estruturação familiar, adultos que se ausentam diariamente do contexto nuclear de sua família, muitas vezes até doze horas. Buscando entender a forma como estes adultos interagem com seus pares e com seus filhos partimos em busca de respostas que nos levassem a compreender como o adolescente em seu desenvolvimento, se identifica mais com seus traços de caráter, que com sua essência existencial, perdendo o compromisso com seu papel sócio/político. Levamos em conta que o indivíduo nesta fase de desenvolvimento, tende a, gradativamente, se distanciar do núcleo familiar, fortalecendo laços de amizade com outros que estejam vivenciando a mesma fase (Dandrea, 1997), até concluir seu amadurecimento afetivo/emocional que a psicanálise denomina de fase genital, período em que a pessoa está pronta para um relacionamento heterossexual e se preparando para o casamento e para uma definição profissional.

Porém, não é o que observamos em adolescentes do bairro do CDHU de Altinópolis, que pela primeira vez na cidade apresentam desvios de comportamento como da ordem de pequenos furtos. Nossa pesquisa vem buscar compreender a dinâmica familiar, em suas estruturas afetivas que propiciam a estruturação afetivo/emocional e social de seus filhos ou a perda do vínculo social, determinando traços de caráter que se fixaram em fases anteriores no seu

(do adolescente) desenvolvimento. Para isso, nos ativemos, na busca de conhecer a afetividade dos adultos responsáveis pela educação dos jovens daquele bairro, em dois aspectos desta afetividade a saber: a auto-estima e a empatia em situação de trabalho e em situação doméstica.

Sawaia (*in* Martinelli *et al.*,1995), assinala que afeto, identidade, emoção, necessidade são questões sócio-políticas, dentro da dialética da passagem do uno ao múltiplo no lar, daí nos lançamos no desafio de revelar a riqueza afetiva escondida nas tramas das relações familiares. Observamos uma evidente auto-estima bastante elevada na situação de trabalho, assim como um evidente descompromisso afetivo, seja em nível de auto-estima, seja em nível de empatia, na situação familiar dos núcleos familiares principalmente daqueles que se mostraram mais desestruturados.

Faleiros na disciplina “Teoria, metodologia e estratégia em Serviço Social”, curso que freqüentamos durante o programa de mestrado da UNESP, nos apresenta Sylvia Ostrowestsky, professora da Universidade de Picardie, na França, através de um texto onde pudemos entrar em contato com uma visão social da identidade do indivíduo, clareando de maneira eficaz, aquele processo de formação da identidade levando-nos a compreender melhor os dados por nós encontrados. O que temos observado hoje, pela crescente mecanização na colheita da cana, é que os trabalhadores desta categoria estão socialmente desarticulados, portanto, segundo a autora acima citada, sem uma identidade,

que lhes dê o poder de luta pelos direitos e conseqüente afirmação como classe trabalhadora. Poder de luta, que deveria estar introjetado nesta sofrida classe trabalhadora e que segundo a referida autora se constitui numa das quatro vias da identidade¹² e em conseqüência na sua afetividade.

A pesquisa permitiu perceber que a desestrutura da personalidade dos pais entrevistados que encabeçam núcleos familiares pode ser a causa da formação de famílias desestruturadas e da origem de jovens marginalizados.

Concluimos ainda que as famílias entrevistadas não têm uma consciência de como facilitar o desenvolvimento afetivo emocional de suas crianças. Estão mais preocupadas com o futuro profissional dos filhos, principalmente as famílias melhor estruturadas, mesmo que esta atitude não lhes aumente a auto-estima no lar, pelo contrário, nos pareceu bastante impotente frente a este futuro.

O atendimento a famílias de baixa renda em Altinópolis, integra o Plano Municipal de Assistência Social do Município que conta com a atuação de profissionais de várias áreas preocupando-se principalmente com famílias que apresentam dificuldade de integração de *“de assumir suas responsabilidades e que necessitem de apoio para alcançar sua autonomia”* (Plano Municipal de Assistência Social do Município de Altinópolis, 2000, p. 83). Porém, há um número relativamente baixo de famílias assistidas no projeto denominado

¹² As quatro vias da identidade segundo Ostrowetsky (1995) são: (1) identidade fundada sobre um mito; (2) identidade de sangue (familiar); (3) identidade de trabalho (consciência de classe) e (4) identidade de sexo.

Fortalecendo a família, referenciado no item 4.2 do capítulo IV. A meta do projeto, em 2000, foi atender 80 famílias, e as atividades propostas¹³ visam um atendimento geral.

Somos defensores de programa calcado num plano político social, que eduque para a vida de comunidade, considerando o desenvolvimento afetivo/emocional. Programas profiláticos direcionados aos pais grávidos, que os conscientize do papel dos pais na formação do indivíduo sadio e do cidadão emergente na criança que se desenvolve no seio da família nuclear. Julgamos tardia a atuação do Estado no desenvolvimento da criança.

Acreditamos como Zaguri (1991, p. 151) que *“satisfazer as necessidades das crianças é uma obrigação dos pais, mas é preciso que entendamos claramente o que são necessidades e o que é apenas uma atitude derivada da nossa própria capacidade de julgar”*.

Concluimos acreditando que este trabalho venha contribuir, ainda que de maneira modesta, para clarear o que há entre o trabalho (enquanto vivência) e a família (enquanto atuação e troca social) de uma parcela representativa da sociedade atual, a do trabalhador rural.

¹³ Atividades específicas: *“Levantamento da clientela a ser atendida, fornecimento de cestas básicas, fornecimento de medicamentos, fornecimento de kits de higiene pessoal, orientação quanto à regulamentação de documentos, cursos de higiene pessoal e habitacional, curso de culinária, curso de corte e costura, treinamento de doméstica, curso de ponto cruz, curso de crochê, seleção de candidatos para participarem da*

BIBLIOGRAFIA

cooperativa de costura, curso de pintura, palestra com profissionais da área de educação e saúde, et.” (Plano Municipal de Assistência Social do Município de Altinópolis, 2000, p. 83).

- ALBERTINI, P. Reich, história das idéias e formulações para a educação. São Paulo: Ágora, 1994.
- ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? São Paulo: Cortez, 1995.
- AUGÉ, C.; LAROUSSE, P. Petit Larousse. Paris: Librairie Larousse, 1963.
- BAPTISTA, D. M. T. Seminário sobre metodologias qualitativas de pesquisa. PUCSP. NEPI, 1994.
- BOFF, L. Saber cuidar. ética do humano – com paixão pela terra. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BRAZIL, C. N. V. O jogo e a construção do sujeito na dialética social. Rio de Janeiro: Forense, 1988.
- BRUN, G. Pais, filhos e Cia. ilimitada. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CANEVACCI, M. Dialética da família. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo da vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CARVALHO, A. de S. Metodologia da entrevista. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1991.
- CEPAL. Comissão Econômica para América Latina e Caribe. Família y futuro un programa regional en America Latina y el Caribe. Santiago de Chile: Naciones Unidas, 1994.
- CERVO, A.L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica. 4.ed. São Paulo: Makron Books, 1996.
- CODO, W.; SAMPAIO, J.J.C. (orgs.). Sufrimento psíquico nas organizações. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CODO, W. *et al.* Indivíduo, trabalho e sofrimento. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DABAS, E. N. A intervenção em rede. Nova perspectiva sistêmica. Rio de Janeiro: Instituto de Terapia de Família, n. 6, p. 5-18, 1995.

- DANDREA, F. F. Desenvolvimento da personalidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- DARWIN, C. A expressão das emoções no homem e nos animais. Londres: [s.n.], 1859.
- DAVIDOFF, L. L. Introdução à Psicologia. São Paulo: McGraw-Hill, 1980.
- DEJOURS, C. A loucura do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.
- DELDIME, R. & VERMEULEN, S. O desenvolvimento psicológico da criança. São Paulo: EDUSC, 1999.
- D'INCAO, M. C. Bóia fria – acumulação e miséria. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- ERIKSON, E. H. Identidade juventud y crisis. Buenos Aires: Paidós, 1971.
- FADIMAN, J.; FRAGER, R. Teorias da personalidade. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1986.
- FALEIROS, V. de P. Estratégias em Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1999.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Brasil: Graal, 1979.
- FREUD, A.; BURLINGHAM, I. Infants without families. New York: International Universities Press, [s.d.].
- GAIARSA, J. A. Futebol 2001. São Paulo: Summus, 1992.
- _____. Lições de amor. São Paulo: Editora Gente, 1997.
- GARBIN, L. Agressão e abuso sexual ainda marcam a infância. O Estado de São Paulo. São Paulo, 12 jul. 2000. Caderno Cidades, p. C5.
- GARDNER, H. Estruturas da mente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. Inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1993.

- GOLEMAN, D. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GOTTMAN, J. Inteligência emocional. A arte de educar nossos filhos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- GRIMBERG, J. Perfil da futura família brasileira? *In: Sempre a mesma família... nunca a mesma família*. NUPEF. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n. 1, p. 19-22, jul. 1996.
- HALL, C. S.; LINDZEY, G. Teorias da personalidade. São Paulo: Herder, 1966.
- HEIDEGGER, M. Being and time. New York: Harper & Row Publishers, 1962.
- IANNI, O. A classe operária vai ao campo. São Paulo: Brasiliense, 1976.
- JEROME, K *et al.* Desenvolvimento e personalidade da criança. São Paulo: Harbra, 1998.
- JOSÉ FILHO, M. Pe. A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania. Franca, 1998. 295 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista.
- KRASNER, L. O controle do comportamento e a responsabilidade social. American Psychologist, 1964.
- KELLER, F. S. Aprendizagem: teoria do reforço. São Paulo: Herder, 1970.
- LACAN, J. La muerte de la familia. Buenos Aires: Paidós, 1974.
- LAING, R. D. O eu dividido. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1973.
- LAKATOS, E.M. e MARCONI, M. de A. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 1983.
- LEMOS, A. P. *et al.* Apresentação. *In: Sempre a mesma família... nunca a mesma família*. NUPEF. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n. 1, p. 6-22, jul. 1996.
- LUCCHINI, R. *et al.* Abuso de drogas entre meninos e meninas de rua do Brasil. São Paulo, UNFIDAC: Apoio, 1990.

MARTINELLI, M. L. Seminário sobre metodologias qualitativas de pesquisa. NEPI. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994.

MARTINELLI, M. L. *et al.* O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber. São Paulo: Cortez, 1995.

MARTINS, J. B.; VIGGIANI, M. A. Estudos sobre fenomenologia e educação. São Paulo: Moraes, 1983.

MELLODY, P.; MILLER, A.W.; MILLER, J. K. Enfrentando a codependência afetiva: o que é, como surge, como prejudica nossas vidas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

MINAYO, M. C. de S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1999.

MOFFATT, A. Psicoterapia do oprimido. São Paulo: Cortez, 1991.

MURARO, R. M. Os seis meses em que fui homem. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

_____. A mulher no terceiro milênio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

OITICICA, J. A doutrina anarquista ao alcance de todos. São Paulo: Econômica Editorial, 1983.

OSTOWETSKY, S. Les quatre voies de l'identité. *In*: MAROUL, N. Identité – Commuanuté: les voies de l'identité. Les Cahiers du CEFRESS, L'Hamattan, 1995.

PLANO Municipal de Assistência Social do Município de Altinópolis – Estado de São Paulo. Altinópolis, 2000.

PEDROZO, C.A.Z.P. *et al.* A dança da transição. *In*: Sempre a mesma família... nunca a mesma família. NUPEF. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n. 1, p. 23-64, jul. 1996.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. A nova aliança: a metamorfose da ciência. Brasília: Universidade de Brasília. 1984.

- REICH, W. A função do orgasmo. São Paulo: Brasiliense, 1975.
- _____. O que é a consciência de classe. Porto: Miranda e Rosa, 1976.
- _____. Análise do caráter. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ROF CARBALLO, J. Mundo emocional y cérebro interno. Barcelona: Labor, 1968.
- ROGERS, C. R. Terapia centrada no paciente. São Paulo: Martins Fontes, 1951.
- SCHMIDT, A. Colônia Cecília. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- SILVEIRA, U. Igreja e conflito agrário – a comissão pastoral da terra na região de Ribeirão Preto. Franca: UNESP. Campus de Franca (Estudos 2), 1998.
- SKINNER, B. F. . O mito da liberdade. Rio de Janeiro: Bloch, 1971.
- _____. Walden Two. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda, 1972.
- SPOSATI, A. Vida urbana e gestão da pobreza. São Paulo: Cortez, 1988.
- SPOSATI, A *et al.* Os direitos (dos desassistidos) sociais. São Paulo: Cortez, 1989.
- THIOLLENT, M. J. M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Editora Polis, 1985.
- TORO, R. Biodanza en el tratamiento de las enfermedades psicosomáticas *In:* CONGRESO DE PSICOSOMÁTICA DE LA CUENCA DEL PLATA, Buenos Aires, 1977.
- WALLON, H. As origens do caráter na criança. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- ZAGURY, T. Sem padecer no paraíso. Rio de Janeiro: Record, 1991.

ANEXO I

Perfil da violência infantil



Fonte: O Estado

de S. Paulo, 12 jul.

2000, p. C5. Caderno Cidades.

ANEXO II

ENTREVISTA

Identificação

Nome:

Idade:

Estado civil: Solteiro ()

Casado () Civil () Religioso ()

Outros () Qual

Possui filhos? Quantos? Todos da atual união conjugal?

Escolaridade:

Renda mensal:

Local de nascimento:

Questões

1 Fale sobre seu trabalho

2 Fale sobre sua vida em família

- Seu relacionamento com o cônjuge
- Seu relacionamento com os filhos